

THOT



Nº 42

1986

CZ\$12,00

*CICLOS
CÓSMICOS*

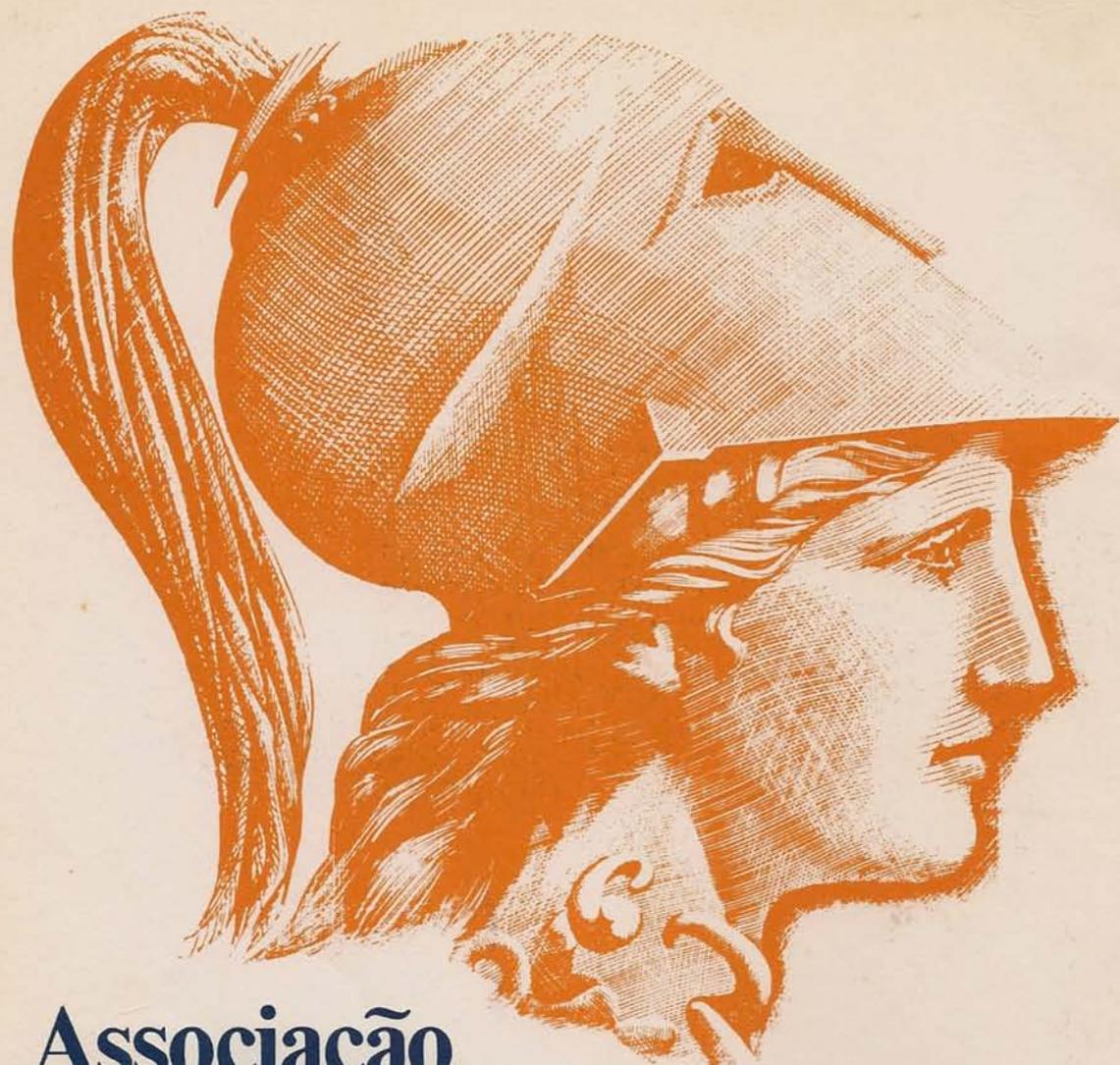
C. G. JUNG

DESCARTES

*RUMO À
INTERIORIDADE*

FOLHEANDO

PESSOA



Associação
PALAS ATHENA
centro de estudos filosóficos

(DECLARADA DE UTILIDADE PÚBLICA FEDERAL, DECRETO Nº 92.343)

SEDE CENTRAL

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - S. Paulo - CEP 04003 - S.P. - Fone: 288.7356

GRÁFICA PALAS ATHENA

Rua José Bento, 384 - CEP 01523 - Cambuci - São Paulo - SP. Fone: 279-6288

CENTRO PEDAGÓGICO CASA DOS PANDAVAS

Bairro do Souza - CEP 12250 - Município de Monteiro Lobato - SP

CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA

Rua Azarias Leite, 15-39 - CEP 17100 - Bauru - SP

CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA

Rua Dr. Timóteo, 371 - cj. 606/607 - Floresta - CEP 90000 - Porto Alegre - RS - Fone: 22-0472

THOT, divindade egípcia, é talvez o mais misterioso e menos compreendido dos deuses do antigo "Kem". É o símbolo da Sabedoria e da Autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de íbis, a pena e a tabuleta, registra os pensamentos, palavras e atos dos homens, que mais tarde pesarão na balança da justiça. Platão diz que THOT foi o criador dos números, da geometria, da astronomia e das letras. A cruz (Tau, no Egito) que leva em sua mão, é o símbolo da vida eterna, seu bastão, emblema da Sabedoria Divina.

EDITORES

Associação PALAS ATHENA do Brasil
Lia Diskin
Basilio Pawlowicz
Primo Augusto Gerbelli

PRODUÇÃO

Adalberto A. Cabral; Carla Teso; João Fernandes Filho; Maria Inês Facchini; Mary Ester Silva; Rubens A. dos Reis; Sérgio Marques.

REDAÇÃO

Cláudia Giovani Bozza; Emílio Mourfarrige; Fábio Prieto; Maria Luci Buff Migliori; Renata De Cesare; Rosa M. Indáttilo; Therezinha Siqueira Campos.

EQUIPE THOT

David Cohen; Eduardo Chohfe; George Barcat; Isabel Cristina M. de Azevedo; Lucia Benfatti; Lucia Brandão Saft; Lucy Blumental; Mara Novello; Márcia S. Teixeira; Marina Moraes; Nilton Almeida Silva; Selma M. Almeida Santos.

FOTOLITO CAPA

Polychrom

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Gráfica PALAS ATHENA
Fone: 279-6288

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida reprodução, citando origem. Os números atrasados são vendidos ao preço do último número publicado. Assinatura anual: Cz\$ 72,00 — cheque em nome da Associação PALAS ATHENA do Brasil; rua Leôncio de Carvalho, 99 — CEP 04003 — Paraíso — São Paulo - SP. Telefone: 288-7356. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046/Registro no DCDP do Departamento de Polícia Federal, sob nº 1586 P 209/73.

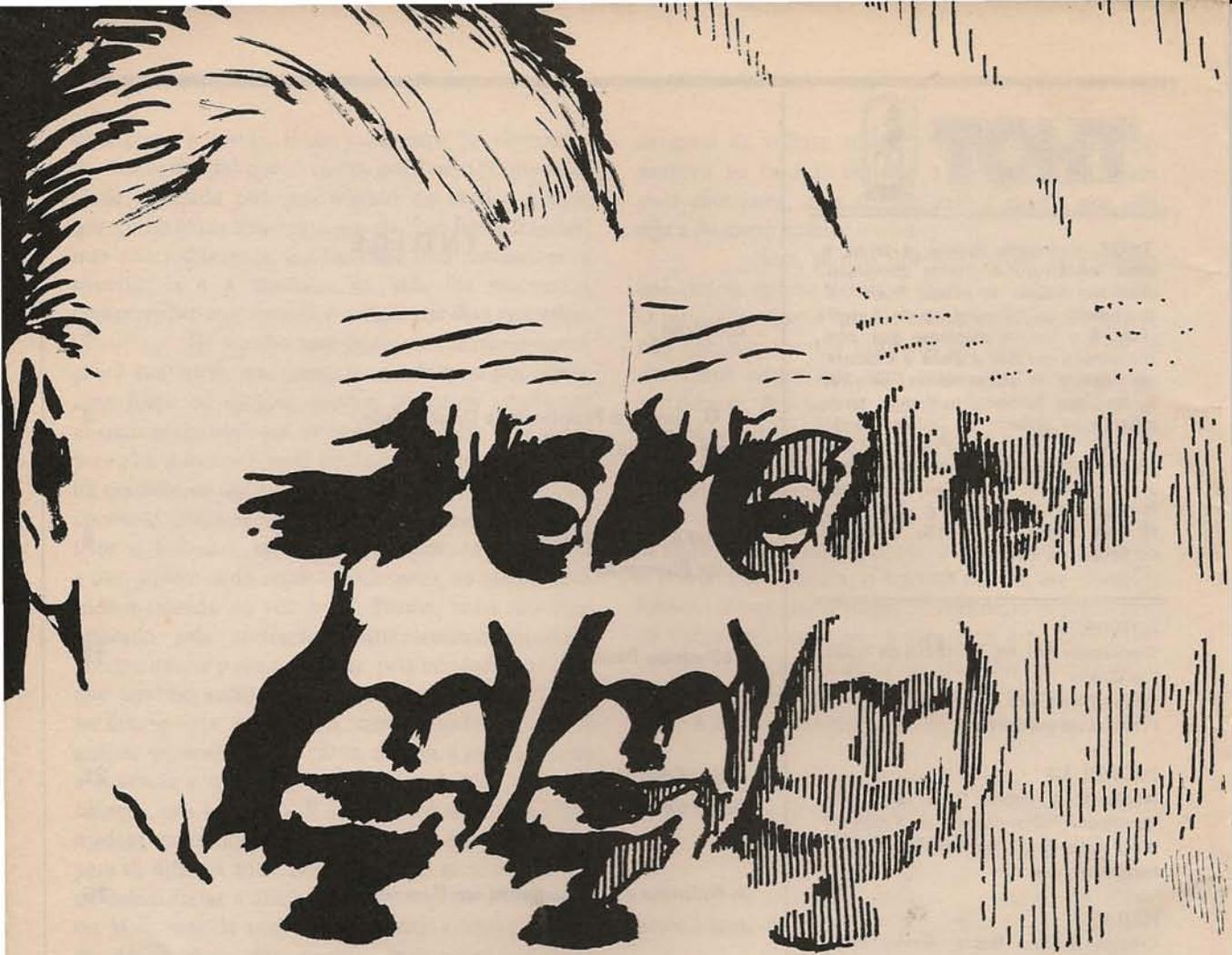
ÍNDICE

Editorial	2
C. G. Jung e o Problema da Criatividade <i>Dora Ferreira da Silva</i>	4
Rumo à Interioridade <i>Lucy Blumental</i>	8
Folheando Pessoa <i>George H. Barcat</i>	13
Ciclos Cósmicos <i>David Cohen</i>	21
A Reforma do Pensamento em Descartes <i>José Garuso</i>	26
China, velha China! <i>Teresa de Barros Velloso</i>	31
A Velhice Também é Vida <i>Lucia Benfatti</i>	37



CAPA:

Fernando Pessoa.
Montagem adaptada
do retrato de
Almada Negreiros.



Que época satisfaz o apetite desse ser multiplicador de desejos? Muito fácil: nenhuma! Basta observar que a História é o lugar das carências. A morte de Borges nos fez ver nitidamente uma das carências do nosso tempo. Ao partir, o escritor, que amava os paradoxos, estendeu as mãos num aceno de "até breve". Naquele instante um pombo correio que Borges acariciava se solta ao vento. Em seus pés, uma mensagem: "É preciso sonhar, é preciso sonhar". É certo isso. Hoje o mundo está despovoado de sonhos. Construimos muitas cabanas nas clareiras do ceticismo. A maioria de nós prefere "cair na real" sem ao menos se perguntar: Tal concretude existe? Muito difícil responder. "Na *Odisséia*, há uma passagem onde se fala de duas portas: uma de chifre e outra de marfim. Pela porta de marfim, os homens recebem os falsos sonhos. Os sonhos verdadeiros ou proféticos entram pela porta de chifre. Na *Eneida*, há uma passagem que provocou inúmeros comentários. Está no livro nono ou décimo primeiro, não tenho certeza. Enéias desce aos Campos Elíseos, além das Colunas de Hércules, e conversa com as grandes sombras de Aquiles e Tirésias. Vê a sombra de sua mãe. Quer abraçá-la mas não pode, já que a mãe é pura sombra. Aí ele vê também a futura grandeza da cidade que irá fundar. Encontra Rômulo e Remo, assim como o campo onde vê o futuro Fórum Romano, a futura grandeza de Roma, a grandeza de Augusto e toda a grandeza imperial. Depois de ter contemplado tudo e de ter conversado com seus contemporâneos, que são gente futura para ele, Enéias volta à Terra. Nesse momento acontece o mais curioso, algo que não foi bem explicado a não ser por um

A Vigília do Mestre é um Sonho

comentador anônimo que me parece ter chegado mais próximo da verdade: Enéias regressa pela porta de marfim e não pela de chifre. Por que? Esse comentador explica: porque, de fato, não estamos na realidade, afinal, para Virgílio, o mundo verdadeiro era positivamente o mundo platônico, o mundo dos arquétipos. Enéias passa pela porta de marfim porque entra no mundo dos sonhos — ou seja, entra para aquilo que chamamos vigília. Tudo é possível.” (J. L. Borges — *Sete Noites*). A realidade de Borges é mágica. Admite o sonho em suas fronteiras vigílicas.

“Temos então essas duas imaginações: a de que os sonhos são parte da vigília e a outra — aquela esplêndida, a dos poetas — de que toda a vigília é um sonho. Não há diferença entre as duas matérias. Aí chegamos à idéia de Groussac: não há modificações em nossa atividade mental. Podemos estar acordados ou podemos dormir e sonhar. Nossa atividade mental é a mesma. Ele cita exatamente aquela frase de Shakespeare: Somos feitos da mesma matéria de nossos sonhos.” (J. L. Borges - *Sete noites*).

Por qual das duas portas entrou Borges? Na verdade isso não tem a menor importância.

Seja qual for, ele entrou com a elegância digna de um mestre.

Só nos resta pedir: Borges, sonhe-nos em Paz! Sonhe-nos felizes! Felizes e juntos diante da deusa Esperança!

À deusa, Heráclito assim cantou: “O homem na noite acende a si mesmo uma luz, quando a lua dos seus olhos se apaga. Vivo, toca na morte quando adormecido; acordado, toca os que dormem”.

OS EDITORES.

C. G. JUNG

e o Problema da Criatividade

Uma das palavras de que mais se usa e abusa atualmente é a palavra criatividade. Ela é dotada de alta carga expressiva e ao mesmo tempo é vaga, devido à amplitude de suas conotações. Sugere imediatamente a imagem de um deus criador e sua criação. Nos vários contextos mitológicos e religiosos, a criação se dá pelo prestígio do som, da palavra, da dança. Assim, por exemplo, numa lenda popular do Antigo Egito, fala-se de um caos inicial úmido, que origina um montículo lamacento; neste começam a manifestar-se as primeiras formas de vida: serpentes e rãs. Aparece então um ovo, do qual sai um ganso. Este é o próprio sol, que dissipa as trevas desse mundo obscuro. O primeiro grito lançado pelo "grande vociferador" (como é designado o pássaro-Sol) rompe o silêncio originário e dessa forma é criado o mundo. Trata-se do som cosmogônico, que se repete a cada manhã com o nascer do sol, assimilado também à cascata da vida cósmica: o canto dos pássaros, o grito dos babuínos, o despertar da faina cotidiana dos homens, como que uma recapitulação da Cosmogonia original. No Egito, com seus deuses teriomórficos, o prestígio do som precede ao prestígio da palavra. Esta última adquire um valor mágico, devendo ser escondida ou dissimulada como um tesouro, pois é fonte de poder.

Na pitoresca história do encontro de Ísis com o deus solar Rá quando este já declinava no Ocidente, representado por um ancião curvo que caminhava babando (as nuvens douradas e esparsas do crepúsculo eram visualizadas como a baba do deus), a deusa dirige-lhe a palavra, indagando qual era o seu nome. O deus recusa-se a responder-lhe, pois sabe muito bem que a ardilosa Ísis ambiciona o seu poder. Revelar seu nome seria sucumbir ao domínio da deusa ambiciosa. O estratagema de Ísis, que conhecia todos os segredos da magia, foi o seguinte: tomando nas mãos um pouco de lodo configurou uma serpente

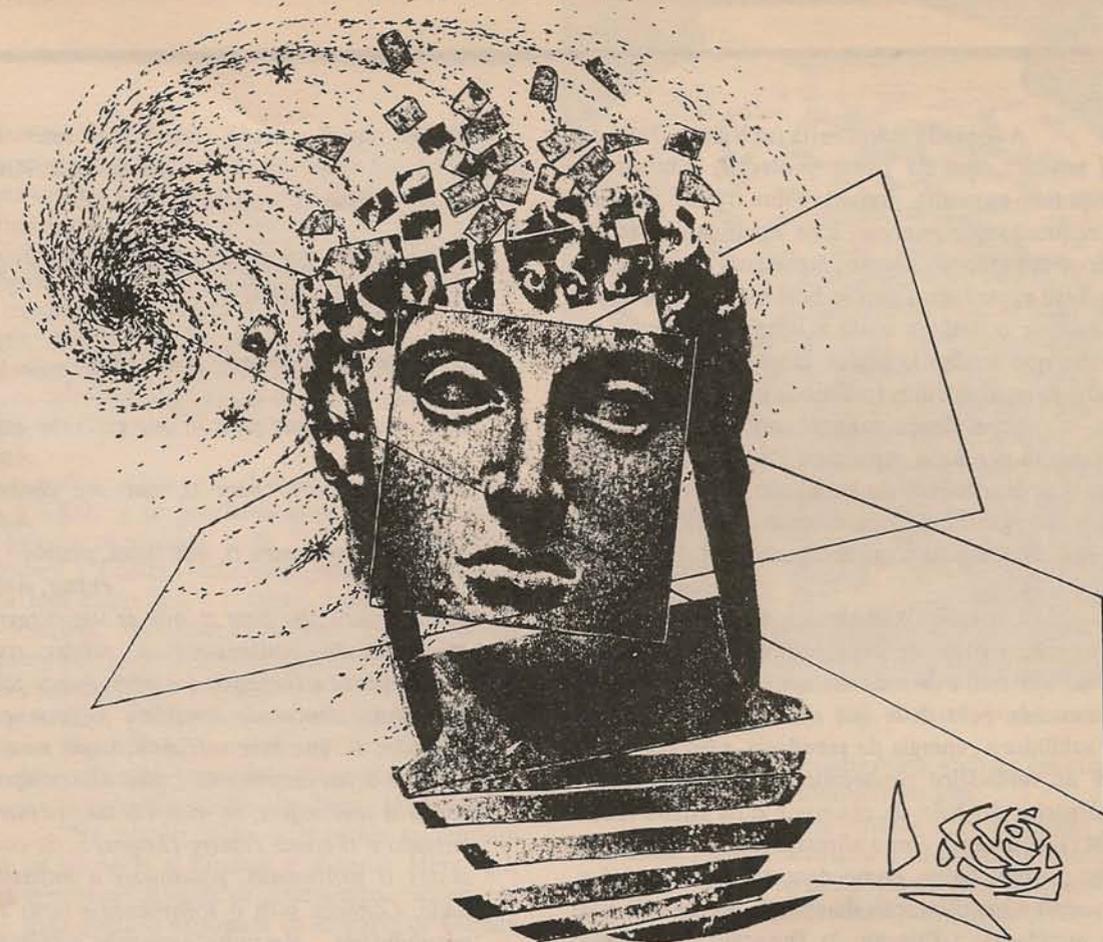
pequena, mas venenosa, e a pôs no caminho por onde Rá deveria passar. A serpente de lodo se animara ao sopro mágico da deusa e o pobre deus solar, semicego e trôpego, não tardou em pisá-la, sofrendo a sua picada venenosa. A ferida começou a latejar e, desesperado de dor, Rá suplicou à deusa que o curasse com suas poções mágicas. A deusa prometeu curá-lo, com a condição de que o nome do deus lhe fosse revelado. Não suportando a dor, Rá disse seu nome e Ísis foi imediatamente revestida do imenso poder do deus solar. Alguns historiadores das religiões interpretam essa lenda como sendo uma expressão da luta entre patriarcado e matriarcado na proto-história do Egito. O que nos interessa aqui, no entanto, é o passo que conduz do prestígio do som ao prestígio da palavra, do nome. O estágio teriomórfico do grito cosmogônico do pássaro dá lugar a uma concepção ainda mágica, mas antropomórfica. A palavra, o nome, representa um poder que convém ocultar como a um tesouro cobiçado por eventuais aventureiros.

No contexto do Velho Testamento, no livro da Gênese, o valor da palavra e seu poder criativo ascende a um valor fortemente espiritual. Vejamos um fragmento desse relato da criação do mundo:

"No começo, Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: "Faça-se a luz e a luz apareceu. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. À luz Deus chamou dia e às trevas, noite. Houve tarde e manhã, o primeiro dia." (Gn. 1.1-5.)

Mais adiante encontramos esta passagem, importante para o tema que nos ocupa de um modo especial:

"Deus modelou ainda com a terra todos os animais selvagens e todos os pássaros do céu e entregou-os ao homem, para ver como este os chamaria. Cada um devia chamar-se segundo o nome que o



homem lhe desse. O homem deu nome a todos os animais, aos pássaros do céu e a todos os animais selvagens . . ." (Gn. 2.19.)

Pela palavra, pelo Logos e seu poder espiritual e formador, Deus cria o mundo. E — maravilha das maravilhas — cria o homem à sua imagem e semelhança, também ele capaz de formatividade, capaz de dar nome às coisas, retirando-as do caos amorfo em que estavam originalmente mergulhadas. O Deus criador entrega ao homem um mundo perene em criação, pulsante de virtualidades, e não algo de fixo e determinado para todo o sempre. Aqui se afirma a liberdade humana, sob o olhar amorosamente atento do Criador. Dentre as criaturas, o homem é o único a herdar o sopro criativo. A palavra grega *ποίησις* significa criação e *ποιητής*, poeta, aquele que cria. O homem recebe assim de Deus a dádiva suprema de, como Ele, ser Poeta, criador de sua própria vida, como formatividade, do nascimento à morte. Vida, história, arte, ciência, filosofia, tudo isso se inscreve no campo da formatividade concedida ao ser humano.

Já no hinduísmo, o mito da criação está ligado ao prestígio da dança. Shiva Nataraja é o Senhor da Dança e terceira pessoa da Trimurti hindu, divindade cósmica ao mesmo tempo criadora e destruidora.

É um deus da vida e da morte, cujo bailado místico cria o mundo. Representado em belos bronzes da Índia meridional, que datam dos séculos X e XII, a imagem do Senhor da Dança — Shiva Nataraja — é uma verdadeira alegoria figurada. Shiva tem quatro braços. A mão direita superior segura um tamborzinho em forma de ampulheta, para marcar o ritmo da dança. Ele indica o som, veículo da palavra portadora da revelação, da tradição, da encantação, da magia e da verdade divina. Diga-se de passagem que na Índia o som é ligado ao éter, o primeiro dos cinco elementos, o mais sutil e penetrante. Som e éter significam o primeiro momento da criação, a energia produtiva do Absoluto, em sua força cosmogênica. A mão esquerda superior, com os dedos em meia-lua, segura na palma uma língua de fogo, significando o processo da destruição. As duas mãos, direita e esquerda, superiores, contrapõem os dois momentos de criação e de destruição, na dança cósmica.

Através da máscara do deus misterioso, o transcendente aparece como um choque dramático de forças contrárias: a criação incessante e o apetite incessante do extermínio, o Som contra a Chama. E o domínio desse choque de forças é o espaço da Dança do Universo brilhante e terrível, com seu deus dançarino.

A segunda mão direita faz o gesto ritual do “não temais”, que dá paz e proteção, enquanto a segunda mão esquerda, pousada sobre o peito, designa o pé esquerdo que se ergue. Este significa libertação, refúgio e salvação do devoto: representa a união com o absoluto e, portanto, uma radical mudança de nível. A mão que o designa imita a forma da tromba do elefante, que lembra Ganesha, filho de Shiva, aquele que supera os obstáculos (sabedoria).

Shiva dança sobre o corpo inanimado de um pequeno demônio, Apasmara Purusha, o esquecimento e a desatenção, simbolizando a ignorância do homem, a cegueira da vida comum. A vitória sobre esse demônio significa a libertação dos liames do mundo.

Um anel de chamas e de luz que emana do deus cerca o corpo de Shiva, indicando os processos vitais do universo e de suas criaturas, a dança da natureza sacudida pelo deus que nela dança. Por outro lado, sublinha a energia da sabedoria, a luz transcendental do verdadeiro conhecimento. Outra significação alegórica do halo de chamas é o da sílaba AUM ou OM (sim, amém), como afirmação da totalidade da criação. Enfim, Shiva, como dançarino cósmico, é a encarnação e manifestação da energia eterna em suas cinco atividades: 1) Criação; 2) Duração; 3) Destruição e Reabsorção; 4) o estar-oculto, isto é, o envolvimento do verdadeiro Ser pelo véu de *maya*; 5) Favor, clemência, aceitação do crente, reconhecimento do zelo do devoto e o dom da paz.

Este simbolismo estupendo da dança circular solene, cuja meta é a de imprimir a imagem do círculo e do centro no devoto, colocando cada ponto da periferia em relação com o centro, também se encontra no início da literatura cristã, nos Atos de João, livro apócrifo. C.G. Jung o cita parcialmente em seu livro: *O Símbolo da Transformação na Missa*.

Eis o texto citado por Jung, resumidamente, em seqüência deste roteiro de reflexões: “A parte . . . que nos interessa, começa com a descrição de uma dança da roda mística (ciranda), organizada por Cristo, antes de Sua Crucifixão. Ele pede aos discípulos que se dêem as mãos uns aos outros, formando um círculo, enquanto Ele se coloca no meio. Os discípulos se movimentam em volta e Cristo entoia um cântico de louvor, do qual destacamos alguns versículos:

Quero ser salvo e quero salvar. Amém.
Quero ser liberto e quero libertar. Amém.
Quero ser ferido e quero ferir. Amém.
Quero ser gerado e quero gerar. Amém.
Quero comer e quero ser devorado. Amém.

Quero ser pensado, eu, que sou todo pensamento. Amém.

Quero ser lavado e quero lavar. Amém.

.....
QUEM NÃO DANÇA NADA SABE DO QUE ACONTECE. AMÉM.

.....
Quero ser unido e quero unir. Amém.

.....
Sou uma lâmpada para ti, que estás me vendo. Amém.

Sou um espelho para ti, que me conheces. Amém.

Sou uma porta para ti, que bates, pedindo para entrar. Amém.

Sou um caminho para ti, que és um peregrino. Mas quando continuares a minha ronda, contempla-te a ti mesmo em mim, que te falo ... Enquanto dançares, considera o que estou fazendo; vê que este sofrimento que eu quero sofrer é o teu (sofrimento), pois não compreenderias o que sofres, se meu Pai não tivesse me enviado a ti como Palavra (Logos) ... Se conhecesses o sofrimento, possuirias a impassibilidade. Conhece pois o sofrimento e terás a impassibilidade ... Reconhece em mim a Palavra da Sabedoria!¹

Psicologicamente — diz Jung — a disposição circular da ronda significa uma mandala e, portanto, um símbolo do **Si-mesmo**, em relação ao qual se acham orientados não somente o eu individual mas, juntamente com ele, muitas outras pessoas ligadas a ele pelos sentimentos e pelo destino.

Ressaltemos aqui — para maior clareza no tocante ao pensamento de Jung — “que o Si-mesmo não é o eu, mas uma totalidade superior a este, que abrange a consciência e o inconsciente; porém, como este último não possui limites determináveis e, além do mais, é de natureza coletiva em suas camadas mais profundas, não é possível distingui-lo de um outro indivíduo. Constitui por isso a *participation mystique* que encontramos sempre e em toda a parte, ou seja, a unidade da multiplicidade, um único homem em todos.”

Em todo ato criador há uma polaridade entre rigidez e fluidez. O âmbito da consciência é firme, tendendo para a rigidez. Às vezes, nos casos patológicos, a rigidez da consciência alcança aquilo que Jung chamou de **monoteísmo da consciência**. Isto não é um caso muito raro no homem ocidental. Daí o namoro deste último com o Oriente e com a fluidez de suas concepções. O que é **real** para o homem comum do Ocidente é pura irrealidade para o oriental, é o véu de *maya* que o envolve e enreda e do qual

deverá aprender a libertar-se, se quiser alcançar o seu Ser verdadeiramente real e profundo. O Oriente é, no fundo, para o homem ocidental, o Inconsciente, aquilo que ele desconhece acerca de si mesmo, o antípoda do seu eu.

A criatividade supõe a unificação dessa fratura entre o eu e o inconsciente. Isto vale tanto para a consecução da obra de arte, como para a realização plena da vida de cada um, mediante os dons criativos do indivíduo e o dom divino que nele se espelha. Da matéria indiferenciada (linguagem, telas e tintas, mármore, sons, etc.), o homem cria diálogo, poema, quadro, forma escultórica, sinfonia. O perigo da oclusão, do fechamento à revelação da graça e da vida criativa, reside na rigidez diabólica. Quem não se quer transformar é um súdito da Morte. Paradoxalmente, o fechamento ao chamado da vitalidade criativa, que é a rigidez, engendra o caos, essa massa desestruturada e informe, que tem aversão a toda forma. Isto é válido, tanto no âmbito da vida individual, como no âmbito da vida coletiva. Adolescentes enclausurados em presídios malsãos engendram caos, e isto é uma das terríveis culpas coletivas. A força criadora que os anima como a todo filho de Deus se transforma em violência, ódio e impulso de morte.

O que fazer? Em primeiro lugar e sinceramente, desejar a transformação. De nós próprios e do mundo. Abandonar a rigidez do que somos e ceder à fluidez da dança que é a nossa vida mais profunda.

O poeta Rainer Maria Rilke, num dos belíssimos *Sonetos a Orfeu*, fala disto:

*“Queira a metamorfose. Conheça o amor
Da coisa que arde, em vôo de transformação.
O espírito fecundo, Senhor de tudo o que é terrestre,
Prefere, na curva da imagem, o ponto de mudança.*

*O que se fecha na imobilidade, pedra se faz.
Acredita-se ao abrigo na cinzenta evasão?
Ai, algo mais rígido ameaça de longe a rigidez.
Ai, o martelo distante se ergue para desferir.*

*O conhecimento conhece quem se derrama em fonte
E o conduz pelo êxtase através da criação
Que termina no início, ou começa no fim.*

*Todo espaço feliz é filho ou neto da despedida
Que, admirados, ultrapassam. E Dafne, tornada árvore,
Deseja que te entregues ao vento da transformação.”*

Será a criatividade no campo da arte um adorno inseqüente, uma distração agradável? Num de seus poemas de 1908, é Rilke ainda quem fala acerca do poder transformante da arte, no *Torso*

Arcaico de Apolo, que aqui damos numa tradução aproximada:

*“Não conhecemos o prodígio da cabeça,
Onde os olhos amadureceram. No entanto,
Seu torso arde ainda como um candelabro
Rutilante que susteve o olhar*

*Prodigado. Se assim não fosse, a curva
Do peito não te ofuscaria e no leve ondular
Dos flancos não perpassaria esse sorriso
Em direção ao centro, onde outrora se alteou o sexo.*

*Se assim não fosse, a pedra tombaria
Frágil e breve no declive dos ombros
E não brilharia como a pele de uma fera,*

*Rompendo todos os limites. Estrela
Embragada. E porque nele não há lugar algum
Que não te olhe: deves mudar tua vida.”*

Esses poemas se dizem a si mesmos completamente e em seu hermetismo convidam à decifração. A obra de arte realizada é o surpreendente, pássaro e vôo, forma e fluidez. Ela nunca cessa e prossegue a cada novo olhar, a cada leitura. Mesmo mutilada, como nesse admirável torso arcaico de Apolo, permanece em sua misteriosa totalidade, que uma vez realizada, jamais desaparece. O olhar da imaginada cabeça (aparentemente ausente) persiste no corpo inteiro da estátua, no brilho e na ondulação da musculatura. Toda obra de arte é um contínuo apelo à transformação.

DORA FERREIRA DA SILVA

NOTA

- 1- C.G. Jung, *O Símbolo da Transformação na Missa*, trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, O.S.B.; revisão técnica de Dora Ferreira da Silva, Edit. Vozes, Petrópolis, 1979, pp. 73-74.

Rumo à Interioridade

Assistimos hoje a um crescente interesse por técnicas de meditação, quase sempre colhidas do Oriente, posto que muitos ocidentais vêm desacreditando mais e mais sua cultura.

O árido intelectualismo ocidental, fundamentado no armazenamento sistematizado de conhecimentos específicos, tem se demonstrado prejudicial a todos aqueles que o cultivam, embrutecendo-os, desumanizando-os — uma vez que possuímos um complexo e dinâmico mundo interior afora nossa capacidade racional.

Se atualmente ainda existem muitos adeptos deste “progresso” que nos envolve, há por outro lado os que, insatisfeitos, sentem a terra ceder sob seus pés e se agarram a sistemas de pensamentos ou até correntes orientais, que prometem ou sugerem maior estabilidade ao indivíduo enquanto indivíduo.

Entretanto, acabamos sendo injustos com nossas raízes e esquecemos, ou talvez nem sabemos, que o Cristianismo gerou místicos que nos deixaram o caminho do Si-mesmo bastante demarcado; e o mais interessante é que estas demarcações não diferem das orientais. Um destes exemplos nos foi oferecido por Santa Teresa d'Ávila (1515-1582), em dois de seus livros: *Moradas ou Castelo Interior* (1577) e *Caminho de Perfeição* (1563).

Nestas obras há um verdadeiro guia indicando nossa meta maior, e as inúmeras dificuldades que deveremos enfrentar até chegarmos ao âmago de nossa alma, tudo isto descrito com tanto zelo, modéstia, simplicidade e candura, que só cometemos a ousadia de aqui sintetizá-las esperando que sirvam de estímulo ao leitor para buscar nas fontes originais tamanha dádiva.

Inicia ela por nos mostrar a incongruência de não sabermos quem somos, de não nos entendermos a nós mesmos, ignorância comparável à daquele que desconhece quem foi seu pai, sua mãe, ou até onde nasceu. Assim temos vivido nos preocupando tão só com nossos corpos, e de nossa alma guardamos ligeiras lembranças. Mas, o que vem a ser esta

alma, quem a habita, qual o seu valor, raramente consideramos, e acabamos negligenciando a conservação de sua formosura. Todo nosso tempo despendemos zelando a matéria grosseira que são nossos corpos.

Invita-nos, Sta. Teresa, a imaginarmos nossa alma como um castelo de diamantes ou cristal, onde há muitos aposentos, uns no alto, outros embaixo, outros nos lados; no centro, o aposento principal onde transcorrem as coisas mais secretas entre Deus e a alma.

A porta para entrar neste castelo é a oração e a reflexão, e a alma que não tem oração é como um corpo paraplégico que, embora tenha pés e mãos, não os pode mexer. Assim, existem almas tão enfermas e tão habituadas às coisas exteriores que parecem impossibilitadas de adentrar em si, pois é tal o costume de tratarem sempre com as superficialidades que existem fora do castelo, que se identificam com elas e, apesar de participarem de natureza tão rica e podendo conversar nada menos do que com Deus, não mais o conseguem.

Existem pessoas que rezam uma vez ou outra, mas com o pensamento em seus negócios; entretanto o coração sempre se dirige para onde está seu tesouro. Realizando esforços conseguem entrar nas primeiras dependências, na soleira da porta, mas ainda estão cheias de inquietações que não lhes permitem ver a beleza do castelo.

Há de se notar que aquele Sol fulgurante localizado no centro da alma não perde jamais seu esplendor e brilho, porém se cobríssemos um cristal exposto ao sol, com um pano, ele não teria como refletir a claridade. Entendendo isto, devemos limpar este cristal, pois as sujeiras nele existentes perturbam os sentidos que deveriam ser os súditos da alma, e sem esse dirigente desgovernam-se; e se a vida nos acabar, jamais tornaremos a gozar desta luz.

Quanto aos aposentos deste castelo, não devemos imaginá-los um após outro, como coisa alinhada, mas visualizar o centro, onde permanece o Rei. Não devemos tolher a alma e obrigá-la a estar

muito tempo num só aposento, pois as coisas de sua natureza devem ser consideradas com amplitude e largueza.

As almas que têm muita ou pouca oração, e que começaram a entrar neste castelo, devem voar algumas vezes e considerar a nobreza e a majestade do seu Deus; desta forma, estando livres de mesquinhas, perceberão sua ignorância, principalmente nas questões do autoconhecimento.

O autoconhecimento e sua aliada, a humildade, são os pontos a serem trabalhados neste primeiro aposento. Só há uma forma de nos conhecermos totalmente: é procurando conhecer a Deus; "... olhando Sua grandeza, acudiremos à nossa baixeza; olhando Sua pureza, veremos nossa sujidade; considerando Sua humildade, veremos como estamos longe de ser humildes.

Há dois proveitos nisto: primeiro, está claro que uma coisa branca parece muito mais branca ao pé duma negra e vice-versa. O segundo é que nosso entendimento e nossa vontade se tornam mais nobres e mais dispostos para todo o bem quando, às voltas consigo mesmos, tratam com Deus; e nunca saírmos desse lodo de misérias é coisa muito inconveniente."¹

Enquanto estivermos acorrentados e metidos nas misérias da nossa terra, nunca a corrente sairá do lodo de temores, de pusilanimidade e covardia, e nos preocuparemos com a opinião alheia, com nossa auto-estima, com nossa pseudo-humildade, achando que somos ainda muito miseráveis para tratar com coisas tão elevadas e assim por diante.

Tudo isto parece modéstia, mas decorre do completo desconhecimento de nós mesmos, e se nunca enxergarmos o outro, só a esta "modéstia" chegaremos. Pondo os olhos em Cristo e nos Santos é que aprenderemos uma verdadeira lição de humildade, nosso pensamento crescerá em altura e o autoconhecimento não ficará rasteiro e covarde. Porque, embora este seja o primeiro aposento, só vencendo suas armadilhas seguiremos adiante.

Entretanto, neste estágio a alma quase não percebe a luz que irradia do seu centro; é como alguém que chega a um lugar muito ensolarado, mas, como tem os olhos cheios de areia, não os pode abrir. O aposento está claro, mas ela não goza dessa claridade pelo impedimento das inquietações mundanas, que lhe fazem cerrar os olhos para não ver senão a elas próprias.

"Assim me parece deva ser uma alma que, embora não esteja em mau estado, está tão envolvida com as coisas do mundo e tão embevecida com seus pertences, honra ou negócios que, ainda que de fato e verdadeiramente queira ver e gozar da Sua formosura,



Êxtase de Sta. Teresa, det., Bernini.

ra, não a deixam, nem parece que possa desembaraçar-se de tantos impedimentos."²

Existem dois grandes perigos nesta morada; primeiro, são os ímpetos desmedidos de penitência, fazendo parecer que este é o único caminho e sem o qual não há descanso, o que na verdade só prejudica o corpo e a mente; segundo, é uma tal mania de perfeição que transforma o indivíduo em crítico dos demais, esquecendo suas próprias faltas.

Perfeição é amar a Deus e ao próximo e, quanto mais guardarmos estes dois mandamentos, mais perfeitos seremos, enquanto a preocupação crítica para com os outros pode fazer a alma perder a paz e ainda inquietar a dos demais.

Quando uma pessoa chega ao claro conhecimento do que é o mundo e percebe que há um eterno e outro sonhado, passa a amar muito diferentemente; não se contenta em amar esses corpos, por mais belos que sejam, pois são coisas sem substância, como as sombras. Estas almas são mais afeiçoadas a dar do que a receber.

O amor comum que temos aos que nos cercam, parentes e amigos, faz-nos desejar que não morram; se lhes dói a cabeça, parece que nos aflige a alma; se os vemos em dificuldades, fuge-nos a paciência.

O outro amor não é assim; ainda que pela fraqueza natural se sinta alguma coisa, logo vem a razão e analisa o que é melhor para aquela alma; como pode se enriquecer mais na virtude, de que maneira sofre, e se roga a Deus que lhe dê paciência e mérito nas dificuldades. Se vê que ela tudo faz para aproximar-se deste bem supremo, se alegre e consola, sabendo que ela não se inquieta nem se desassossega.

Entretanto, o desapego do mundo e dos parentes ainda não é tudo, "pois acontecer-vos-á como àquele que se deita muito tranqüilo, tendo fechado muito bem as portas por medo dos ladrões, mas os deixa em casa. E já sabeis que não há pior ladrão que o que está em casa . . ."3

Aqui entra a verdadeira humildade, a soberana virtude, que tem a propriedade de se esconder de quem a possui, e assim se aperfeiçoa cada vez mais. Para tanto, primeiro temos de procurar tirar de nós mesmos o amor a este corpo, que traz em si uma falha: quanto mais o regalamos, mais necessidades descobre, adquirindo caráter de necessidade e acabando por enganar a alma.

O exercício principal da oração é, pois, a humildade. Entretanto, é muito importante entender que Deus não leva a todos por um só caminho. Haverá muitas pessoas que não conseguem meditar, mas apenas rezar vocalmente, e nisto se detêm mais. É muito difícil querer deter os movimentos do pensamento durante a meditação, o que provoca inquietação ao fiel pois, não conseguindo fixá-lo em Deus, ele se lhes escapa indo a mil disparates, escrúpulos e dúvidas.

Sta. Teresa adverte ainda que neste primeiro passo as preocupações com retribuições (metafísicas) aos esforços empreendidos, e a fixação de seguir adiante, devem ser rechaçadas, uma vez que a verdadeira humildade consiste em estarmos dispostos a aceitarmos aquilo que o Senhor quiser fazer de nós.

Assim agindo, entraremos na segunda morada, a dos que já começaram a orar, mas que não têm ainda autodeterminação suficiente para deixar de estar na primeira morada, e desvencilhar-se de hábitos contrários à Religião.

Os que aqui se encontram têm mais dificuldade que os anteriores, ainda que não corram o mesmo perigo de sair do castelo, pois parece que já entendem estes estorvos e alimentam a grande esperança de seguir à frente. "Digo que têm mais trabalho porque os primeiros são como mudos que não ouvem, e assim passam melhor o trabalho de não falar, porém passariam com maior dificuldade se ouvissem e não pudessem falar... Assim, estes entendem os chamamentos do Senhor, porque vão chegando mais perto de onde está Sua Majestade. E, mesmo que estejamos entretidos com nosso passatempo, negócios,

contentamentos e bagatelas do mundo, e até caindo e levantando-nos em pecados, não deixa de nos chamar para que nos acerquemos d'Ele."4

Estas vozes e chamamentos ainda não são metafísicos, são como palavras que se ouvem de gente boa, sermões, aquilo que se lê em bons livros, ou são enfermidades, dificuldades e verdades que Ele ensina naqueles instantes em que estamos em oração.

Não se deve menosprezar esta primeira graça, nem se desconsolar; ainda mesmo que não respondamos logo ao Senhor, Ele bem sabe aguardar muitos dias e anos, em especial quando vê perseverança e bons propósitos.

Aqui o tormento é maior do que no aposento anterior, pois ali a alma estava muda e surda e resistia menos (porque tinha, em parte, perdido a esperança de vencer). Aqui o entendimento é mais vivo e as potências (razão, memória e vontade) mais hábeis, e a alma não pode deixar de ouvir. Os obstáculos são aqui representados pelas coisas do mundo, tornando seus conteúdos quase eternos, pela valorização da estima dos amigos e parentes, nas ações de penitência.

"Que aflições causa tudo isso à pobre alma, que não sabe se passa adiante ou volta ao primeiro aposento! Mas, por outro lado, a razão representa-lhe o engano que é pensar que todo o conteúdo do mundo vale alguma coisa em comparação com o que se pretende. A fé ensina-lhe o que lhe cumpre fazer; a memória representa-lhe o fim de todas as coisas, tornando-lhe presente a morte daqueles que gozaram exclusivamente dos bens terrenos, e quão depressa foram esquecidos de todos . . ."5

Com estas objeções, "a vontade inclina-se a amar. Aquele em quem tem visto tão inumeráveis feitos e mostras de amor"5 e experimenta o sentimento de que Ele acompanha sua alma, dando-lhe vida e ser. "Logo o entendimento acode, mostrando-lhe que não pode encontrar melhor amigo, ainda que viva muitos anos; que todo o mundo está cheio de falsidades, sofrimentos, cuidados e contradições, e lhe diz que está no caminho certo, que fora do castelo não encontrará segurança nem paz; que deixe de andar por casas alheias pois a sua está cheia de bens, se o quiser gozar; que ninguém achará tudo o que necessita a não ser em sua casa, em especial tendo tal Hóspede que a fará senhora de todos os bens."5

Estes são os meios para vencer os obstáculos deste aposento, mas o que atrapalha esta percepção são os hábitos de vaidade e o ver que todos tratam disso. "Porque está tão morta a fé, queremos mais o que vemos do que aquilo que ela nos diz!"6

Afirma Sta. Teresa que neste estágio a alma passa por tantas dificuldades quanto a sua disposição para ir muito adiante, e que receberia grande

benefício se tratasse com pessoas afins e procurasse não só os que estão neste aposento, mas também os que já passaram adiante, porque isto será de grande ajuda pois, de tanto conversar com estes últimos, lhe será mais fácil o adentrar-se.

Entretanto, convém estar sempre de sobreaviso para não se deixar vencer; quanto maior determinação em não voltar ao primeiro aposento, mais rápido será o avanço.

Neste segundo aposento ainda não se recebem graças, por se estar muito no início; estas graças e regalos estão mais adiantes, onde a alma não quer senão a Deus.

Aqui na segunda morada “estamos com mil embaraços e imperfeições, as virtudes ainda não sabem andar, pois só há pouco começaram a nascer — se é que começaram”.⁷

O que podemos pretender ao entrarmos neste caminho é trabalharmos e determinarmos-nos a conformar a nossa vontade com a de Deus; esta é a maior perfeição que se pode alcançar na senda espiritual.

“Se não víssemos em outra coisa a nossa miséria e o grande dano que nos faz o andarmos dispersos, só esta luta pelo nosso recolhimento bastaria. Haverá mal maior do que não nos acharmos em nossa própria casa? Que esperança podemos ter de encontrar sossego em outras coisas, se nas próprias não podemos sossegar? Mas tão grandes e verdadeiros amigos e parentes, como são as nossas potências, parecem fazer-

nos guerra, como que sentidas pelo que lhes causaram os nossos vícios. Paz, paz, ... pois se não a temos e não a procuramos em nossa casa, não a acharemos nas dos estranhos. Os que ainda não começaram a entrar em si acabem com essa guerra; e os que já começaram, que nada seja bastante forte para os fazer voltar atrás.”⁸

Uma vez vencido este combate, atingir-se-á o terceiro aposento, em que se deve exercitar a prontidão da obediência; para tal é útil ter a quem recorrer para não fazer nada à sua vontade e não procurar alguém que já esteja muito desenganado das coisas do mundo. De grande valia é tratar com quem conhece o que desconhecemos, dando-nos força para atingirmos de igual maneira o que nos parece impossível; “parece que, com seu vôo, nos atrevemos a voar, como fazem os filhos das aves quando os ensinam. Ainda que não dêem grande vôo, pouco a pouco imitam seus pais”.⁹

A oração, mais uma vez, é o impulsor que permitirá à alma o seu recolhimento cada vez mais perfeito. Há que se notar a diferença entre a oração mental e a oração vocal: chama-se oração mental àquela em que se tem consciência de que se fala com Deus, quer se tenha a boca fechada ou não. Ao se rezar o rosário deve-se visualizar com quem se vai falar e quem está falando, para se ter a postura correta e o devido respeito.

O mais importante, aqui, é começar com grande determinação, pois não é justo que tendo-nos



lado ao Senhor recuemos e tiremos aquilo que lhe ganhamos dado. Que nestes instantes de oração que nos determinamos a Lhe conceder, que o seja com o pensamento livre e desocupado de todas as coisas, que já não consideremos esse tempo como nosso, que se nos descuidarmos em dá-lo possa ser reclamado com toda justiça. Outro benefício da determinação é o ânimo, que se vê assim fortalecido, "é como quem está numa batalha e sabe que se o vencem, não lhe perdoarão a vida, e se não morre na batalha há de morrer depois. Peleja com mais determinação, não teme tanto os golpes, porque tem diante dos olhos o quanto lhe importa a vitória e que nela lhe vai a vida."¹⁰

Para fazermos oração mental é necessário paciência para criar o costume de levar o pensamento Àquele a quem dirigimos a palavra, representando-nos junto ao Senhor e vendo com que amor e humildade Ele nos está ensinando. Não é para se pensar n'Ele, nem formar muitos conceitos, nem fazer grandes e deliberadas considerações, mas simplesmente olhar para Ele.

Outro grande exercício indicado é aproveitar quando estivermos alegres para vê-Lo ressuscitado, imaginá-Lo saindo do sepulcro com tanta clareza, formosura, majestade, e vitorioso como quem se saiu muito bem da batalha ganhando tão grande reino. Se estivermos tristes, devemos vê-Lo a caminho do Horto, ou vê-Lo atado à cruz, cheio de dores, perseguido por uns, cuspidor por outros e negado pelos Seus amigos.

Podemos argumentar que se O víssemos com os olhos do corpo no tempo em que Ele andava pelo mundo, fa-lo-famos de boa vontade e olharíamos sempre para Ele. Não se deve acreditar nisto, pois quem agora não quer fazer o esforço mínimo de olhar para dentro de si e vê-Lo, o que pode ser feito sem perigo algum, muito menos faria ao pé da cruz!

Recomenda-nos Sta. Teresa ler um bom livro para recolher o pensamento e desta forma rezar bem; assim, pouco a pouco, a alma vai se acostumando com afagos e artifícios e retornando à sua casa.

É de grande importância entender que para falar ao Pai Eterno não é necessário ir ao Céu e tampouco falar-Lhe em voz alta. Ele está tão perto de nós que nem é preciso ir em busca d'Ele; basta procurar a solidão e olhá-Lo dentro de si mesmo, falando-Lhe com humildade, contando-Lhe nossas dificuldades e pedindo-Lhe remédio para vencê-las.

Aqui já temos a oração de recolhimento e entramos no quarto aposento, a alma recolhe todas as potências e entra dentro de si com seu Deus, de quem recebe ensinamentos e obtém a oração de quietude; esta é a presença do Senhor que põe a nossa alma em paz, com todas as potências aquietadas. "É como um

amortecimento interior e exterior. Sente-se grandíssimo deleite no corpo e grande satisfação na alma. Está a alma tão contente só de se ver junto à fonte que, ainda mesmo sem beber, já se sente satisfeita. Não lhe parece que haja mais a desejar; as potências aquietadas não se queriam mover . . . Aqui só a vontade é cativa e se alguma pena sentir é por ver que há de voltar à liberdade. O entendimento não quereria entender mais de uma coisa, nem a vontade ocupar-se em mais; aqui vêem que só esta é necessária, e todas as outras perturbam. Não queriam mover o corpo, porque lhes parece que hão de perder aquela paz, e assim não ousam mexer-se, dá-lhes pena o falar . . ."¹¹

"Quando, pois, a alma se encontrar neste tão elevado grau de oração, e o pensamento se for aos maiores desatinos do mundo, ria-se dele e deixe-o como a um néscio; permaneça na sua quietude, que ele vai e vem; aqui é senhora e poderosa a vontade; ele o trará a si, sem que vos ocupeis disso. E se quiser trazê-lo à força, a alma perde a fortaleza que tem para o combater e nem um nem outro ganharão nada, antes perderão ambos."¹²

Prossegue Sta. Teresa a nos indicar mais três aposentos, de um total de sete, deste castelo interior sendo que suas explicações são cada vez mais metafísicas e ao mesmo tempo mais rigorosas quanto a sua exatidão, fugindo pois do escopo deste breve artigo, que finalizamos aqui, na certeza de já termos um bom material para iniciarmos a nossa busca, que, como todos os ensinamentos espirituais, é extremamente simples, mas de difícil prática, justamente por estarmos dispersos. Sigamos o conselho de Sta. Teresa nos aproximando de bons textos, para dessa forma sentirmos que é possível estarmos em nós mesmos adentrando-nos cada vez mais.

LUCY BLUMENTAL

(Baseado no livro *OBRAS COMPLETAS DE SANTA TERESA D'ÁVILA*. 2ª edição, Edições Carmelo, Aveiro, 1970)

NOTAS

- 1 - *Castelo Interior, Primeiras Moradas*, II, 9-10, p. 653.
- 2 - *Idem, Idem*, II, 14, pp. 655-656.
- 3 - *Caminho de Perfeição*, X, 1, p. 433.
- 4 - *Castelo Interior, Segundas Moradas*, I, 2, pp. 659-660.
- 5 - *Idem, Idem*, I, 4, pp. 661-662.
- 6 - *Idem, Idem*, I, 5, p. 662.
- 7 - *Idem, Idem*, I, 7, p. 664.
- 8 - *Idem, Idem*, I, 9, p. 665.
- 9 - *Idem, Terceiras Moradas*, II, 12, p. 681.
- 10 - *Caminho de Perfeição*, XXIII, 5, p. 490.
- 11 - *Idem*, XXXI, 3, p. 518.
- 12 - *Idem*, XXXI, 10, pp. 522-523.

I
SENSACIONISTA

Chove gostosamente sobre o prado bonito . . . A alma da gente sorri quando nuvens gentís trazem um pouco de céu para a terra beber.

Cá dentro — narinas embaçando a janela — pergunto aos sentidos se é real o mundo, absoluta a natureza . . . Espero . . .

Desiludido, descubro que olhos e ouvidos não sabem respostas, e não as sabem porque não fazem perguntas: apenas olham; apenas escutam. É pena; seria tão mais fácil . . .

Com sua cauda sempre feliz, Lili se deita a meus pés. Um bocejo, comprido e sem tempo, me diz que ela não entende que as coisas me fazem pensar.

Para a amiguinha, as coisas são coisas. Para os homens, as coisas são pensamentos das coisas . . . Eu, sou pensamentos de mim.

Pensamentos mercenários, sem pátria e sem causa, que combatem ora a verdade, ora a fantasia. O problema é conseguir saber quem é o alvo. Realidade e ilusão vestem o mesmo uniforme cinza: minha incompletude humana. Incompletude que me afasta de mim.

Continua chovendo; tinha esquecido. Ergo os olhos mas já não vejo o verde-molhado: expirei muita metafísica no mundo.

Ah! de repente me lembro: alguns poetas inspiram respostas da vida.

Ansioso, folheio Pessoa . . .

*“O meu olhar azul como o céu
É calmo como a água ao sol.
É assim, azul e calmo.
Porque não interroga nem se espanta . . .*

*Se eu interrogasse e me espantasse
Não nasciam flores novas nos prados
Nem mudaria qualquer cousa no sol de modo
a ele ficar mais belo . . .*

*(Mesmo se nascessem flores novas no prado
E se o sol mudasse para mais belo,
Eu sentiria menos flores no prado
E achava mais feio o sol . . .
Porque tudo é como é e assim é que é,
E eu aceito, e nem agradeço,
Para não parecer que penso nisso . . .)*

*O que nós vemos das cousas são as cousas.
Por que veríamos nós uma cousa se houvesse
outra?*

*Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?*

FOLHEANDO
PESSOA

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma
vestida!),

Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender

E uma seqüestração na liberdade daquele
convento

De que os poetas dizem que as estrelas são as
freiras eternas

E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores,

Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e
flores." (151)

Minha alma está nua; o poeta trouxe um
pouco de mim para eu beber.

Saciada a sede — ao menos uma vez —
vejo o que meus olhos vêem.

Neste momento, vemos — eu e meus
olhos — um anoitecer: um movimento cósmico sem
verdades e sem mentiras. Sem belezas ou feiúras.
Saudades ou festas.

Vemos apenas isto: um anoitecer. Um
flutuante giro da Terra no espaço que é ela mesma.

Vem Lili, vamos brincar lá fora. Quero
desaprender com você . . .

"Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que
me ensinaram,

E raspar a tinta com que me pintaram os
sentidos,

Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras.
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caetano,
Mas um animal humano que a Natureza
produziu." (160)

II EXISTENCIALISTA

Faço o que há três dias não fazia: a barba.

Bastante afastado no fundo e insistentemente calado, um rosto no espelho dá uma de chinês campeão e "ping-pongueia" a dúvida que até ontem a noite era só tua, Álvaro.

"Estou hoje perplexo, como quem pensou e
achou e esqueceu,
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa
real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa
real por dentro.

Falhei em tudo.

Como não fiz propósito nenhum talvez tudo
fosse nada.

A aprendizagem que me deram,

Desci dela pela janela das traseiras da casa.

Fui até ao campo com grandes propósitos.

Mas lá encontrei só ervas e árvores,

E quando havia gente era igual à outra.

Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que
hei de pensar?

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que
sou?" (297)

Li tudo o que escrevestes, ó Álvaro; tu
não sabes de ti e eu não sei de mim. Grande dupla!

O problema é que tenho que encarar essa
figura de prata, tão real quanto eu virtual. Narciso em
seu lago deve ter tido melhor sorte . . . Será que os
lagos são mais generosos que os espelhos?

Sabe, Álvaro, gosto deveras da espuma na
cara (gosto também do deveras) . . . Ela me faz sonhar
a velhice: barba branca, careca; talvez aposentado da
vida e feliz . . .

Companheiro, você viu, não consegui
dormir . . . Dúvidas dão insônia. Nunca achei tão
duros os lençóis e tão agradável a cozinha . . .

"Que sei eu do que serei, eu que não sei o que
sou?" (297)

Não tem importância; hoje eu dormirei.
Afinal, o bom é isso: ter dúvidas junto com o poeta
que se ama . . .

Olhe, estive pensando . . . Veja se não
tenho razão. Acho que estamos assim cansados, por-
que tu e eu queremos modificar o mundo. Que coisa
louca, não é mesmo? . . .

É certo: é louquíssima, mas o fato é que
nós queremos modificá-lo, modernizá-lo!

Não de qualquer jeito, é claro! Não como
os políticos ou os engenheiros, é claro. Não como os
filósofos . . . é claro?

Deixa isso prá lá. O que acontece é que
saímos por aí em busca de um mundo que se curve
à arte . . .

À nossa arte; tu Poeta, eu dramaturgo!

Arte revolucionária, ativa e mutante como um feto. Arte cheia de energia cativante, estimulante, palpitante . . . ante . . . ante . . . e novamente ante . . .

Arte recheada da energia do hidrogênio que explode em sol!! Mas eis que o hidrogênio solar é o hidrogênio da terra, da água, do ar e do fogo.

Mas eis que o hidrogênio que explode em sol é o hidrogênio da caneta e é o hidrogênio do palco . . . é o hidrogênio do gênio do artista!!

A essa arte hidrogenizante da **modernidade**, os críticos chamam de **futurista** . . . isso, no mínimo, é muito engraçado . . .

Porém em nosso entusiasmo de combustão exotérmica, nos esquecemos de uma coisinha. Só uma! Será que o mundo precisa ser modificado? Acho que é por isso que estamos cansados. E você?

*"Estou cansado, é claro,
Porque, a certa altura, a gente tem que estar
cansado.*

*De que estou cansado, não sei:
De nada me serviria sabê-lo,
Pois o cansaço fica na mesma.
A ferida dói como dói
E não em função da causa que a produziu."(331)*

Você não sabe, eu idem, e o espelho diz que não tem nada com isso . . . um dia acabo quebrando esse espelho . . . se ao menos ele fosse mágico . . .

Então, a quem invocar? Tá, eu te deixo falar . . . falo muito, eu sei.

*"Os antigos invocavam as Musas.
Nós invocamo-nos a nós mesmos.
Não sei se as Musas apareciam –
Seria sem dúvida conforme o invocado e a
invocação. –
Mas sei que nós não aparecemos.
Quantas vezes me tenho debruçado
Sobre o poço que me suponho
E balido "Ah!" para ouvir um eco,
E não tenho ouvido mais que o visto –
O vago alvor escuro com que a água resplandece
Lá na inutilidade do fundo . . .
Nenhum eco para mim . . .
Só vagamente uma cara,
Que deve ser a minha, por não poder ser de outro.
É uma coisa quase invisível,
Exceto como luminosidade vejo
Lá no fundo . . .
No silêncio e na luz falsa do fundo . . .
Que Musa! . . ."(330)*

Puxa! Acho que é isso! Os lagos são generosos porque escondem de nós o nosso fundo. Espelhos e poços não são assim.

Espelhos e poços não têm coração. Eles dizem a nós justamente o que queremos esconder de nós: as rugas da face e as dores da alma.

Outra de tuas dúvidas, Álvaro? Diga . . .

*"Afinal
Que vida fiz eu da vida?"*

Tchau, camarada Álvaro. Terminei a barba.

Ouçã: Lili está com fome. Certamente ela dormiu. Sua vida não é feita de dúvidas . . . ela não é existencialista.

Ah! Vou à tabacaria. Mando lembranças ao Esteves?¹

Ok! Direi o que me pedes. Até vou anotar para não esquecer:

*"Não sou nada,
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do
mundo."(296)*

III ESTÓICO

– Buon giorno, vizinho!!
– Como tem passado Dona Francesca?
– Io? Molto bene! Ma il signore parece que no ha dormito bene. La luce da cozinha amanheceu acesa . . .

– Pois é, estive a vaguear por mim . . . Esperava limpar meus báus, mas havia tanto pó, tanta quinquilharia, tanto passado . . .

– Come?
– Desculpe, não foi nada não . . . até outra hora . . .

Um olhar, que já não me pertencia, persegue uma gaivota . . . Ele teve sorte: a rua encontra a praia . . . O mar está muito agitado . . . Foi a lua: estava tão linda ontem . . .

*"Uma após uma as ondas apressadas
Enrolam o seu verde movimento
E chamam a alva spuma
No moreno das praias.
Uma após uma as nuvens vagarosas
Rasgam o seu redondo movimento
E o sol aquece o espaço*

*Do ar entre as nuvens scassas,
Indiferente a mim e eu a ela,
A natureza deste dia calmo
Furta pouco ao meu senso
De se esvair o tempo.
Só uma vaga pena inconstante
Para um momento à porta da minha alma
E após fitar-me um pouco
Passa, a sorrir de nada”(207)*

A ressaca do mar é diferente da minha: é vibrante, cheia de vida. Acho até que é feliz. Seguramente, o vinho que Netuno serve ao mar não é o “Existência”. Com esse vinho, eu e minha consciência fizemos dois mil brindes . . . Eta, dor de cabeça . . .

Perdoe-me, Reis. Também eu não aprecio etiquetas acadêmicas e ilustradas. Acontece que em dias como esse — vazio de adolescência enamorada, marcado pela presença do destino — sinto-me compelido a ficar ao lado dos que te chamam de “o poeta da morte”.

Reis, tua alma tem saudades da Grécia. Como a minha. Mas a tua é uma Grécia envelhecida, estoica . . .

*“Não consentem os deuses mais que a vida.
Tudo pois refusemos, que nos alce
A irrespiráveis píncaros,
Perenes sem ter flores.
Só de aceitar tenhamos a ciência,
E, enquanto bate o sangue em nossas fontes,
Nem se engelha conosco
O mesmo amor, duremos,
Como vidros, às luzes transparentes
E deixando escorrer a chuva triste,
Só mornos ao sol quente,
E refletindo um pouco.”(194)*

Não é desta Grécia que eu sinto falta, muita falta . . . A Grécia de minhas saudades é a Grécia de Ulisses, quando o destino podia ser encarado com esperança e os homens queriam suar ao sol quente e se banhar na fecunda chuva . . .

Reis, o universo estoico é um universo fechado. Fechado como o vidro onde queres guardar tua alma. Porém, acredito que os lugares fechados, por maiores que sejam (mesmo sendo cósmicas suas dimensões) são sempre pequenos para abrigar o espírito humano.

Confinada, a vida chora . . . Como a gaiota que ainda me rouba o olhar, a vida não suporta paredes; não suporta limites . . . Mesmo sendo os limites de um destino estoicamente aceitos . . .

*“Sofro, Lídia, do medo do destino.
A leve pedra que um momento ergue
As lisas rodas do meu carro, aterra
Meu coração.*

*Tudo quanto me ameaça de mudar-me
Para melhor que seja, odeio e fujo.
Deixem-me os deuses minha vida sempre
Sem renovar.*

*Meus dias, mas que um passe e outro passe
Ficando eu sempre quase o mesmo, indo
Para a velhice como um dia entra
No anoitecer.”(207)*

Isto é angústia, Reis. Sentimos isso diante das coisas sem sentido. Geralmente a coisa é a vida. Uma vida que não encontra sentido é uma vida cuja garganta é estrangulada pelas cruéis garras da impossibilidade . . .

O homem precisa do infinito. Do espaço infinito e repleto de possibilidades que os argonautas navegam!

Afinal, quem torna infinito o espaço, se não as possibilidades? A gaiota voa porque o farfalhar de suas asas é livre, e a liberdade só existe quando as possibilidades existem . . .

Enxergar o possível é ter esperança. Ora, sentir esperança é acreditar no futuro, e apenas o futuro pode dar significado a uma vida. Minha vida terá o sentido que eu der ao futuro que espero . . .

*“Uns, com os olhos postos no passado,
Vêem o que não vêem; outros, fitos
Os mesmos olhos no futuro, vêem
O que não pode ver-se.*

*Por que tão longe ir pôr o que está perto —
A segurança nossa? Este é o dia,
Esta é a hora, este o momento, isto
É quem somos, e é tudo.*

*Perene flui a interminável hora
Que nos confessa nulos. No mesmo hausto
Em que vivemos, morreremos. Colhe
O dia, porque és ele.”(224)*

Concordo contigo quando afirmas que “este é o dia, esta é a hora, este o momento, isto é quem somos.” Só que, para mim isto não é tudo.

Ninguém vive tal ou tal quantidade de anos. O que vivemos são os “momentos” e não os anos.

É no "momento" — um tempo sem duração, sem passagem — que o homem é pleno, ou seja, inteiro, perfeito, esférico. Mas isso ainda não é tudo.

Todo momento é o encontro de uma alma com um mundo — um mundo de possibilidades —, e onde a alma está, a eternidade e o infinito também estão. Compreende por que digo que o momento não é tudo?

Sei o que você pensa disso, mas ainda assim quero ouvi-lo.

*"Não tenhas nada nas mãos
Nem uma memória na alma,*

*Que quando te puserem
Nas mãos o óbolo último,*

*Ao abrirem-te as mãos
Nada te cairá,*

*Que trono te querem dar
Que Átropos to não tire?*

*Que louros que não fanem
Nos arbítrios de Minos?*

*Que horas que te não tornem
Da estatura da sombra*

*Que serás quando fores
Na noite e ao fim da estrada.*

*Colhe as flores mas larga-as,
Das mãos mal as olhaste.*

*Senta-te ao sol. Abdica
E sê rei de ti próprio."(192)*

É, talvez isso seja bom . . . Mas que posso fazer? Eu adoro me comprometer com a vida . . . Sonhar o futuro . . . Navegar como Ulisses . . .

— Eei vizinho!! . . . ma che succède?
Acorda!

Meus pés resolveram ir atrás do olhar que perdi . . .

IV MÍSTICO

Ninado pelo rosa-laranja das nuvens que "pegam ondas" lá onde começa o mar, e desinteressado desse dia ao qual me igualo, teci um confortável casulo para os sentimentos meus . . .

*"Feliz dia para quem é
O igual do dia,
E no exterior azul que vê
Simples confia!*

*O azul do céu faz pena a quem
Não pode ter
Na alma um azul do céu também
Com que viver.*

*Ah, e se o verde com que estão
Os montes quedos
Pudesse haver no coração
E em seus segredos!*

*Mas vejo quem devia estar
Igual do dia
Insciente e sem querer passar.
Ah, a ironia*

*De só sentir a terra e o céu
Tão belos ser
Quem de si sente que perdeu
A alma p'ra os ter!"(72)*

São mesmo tortas as minhas . . . Justo aqui, nas areias da cidade que não é minha — poderia ser minha uma cidade que me nadifica? — compreendi o ato imóvel de compreender.

Compreender, quer o dicionário da língua, significa "conter em si". Lamento informar, mas o dicionário se equivocou.

Compreender é esquecer o "si", é estar contido; é sentir que a alma passeia nalgum lugar para que algo a substitua . . .

*"Vem dos lados da montanha
Uma canção que me diz
Que, por mais que a alma tenha,
Sempre há de ser infeliz.*

*O mundo não é seu lar
E tudo que ele lhe der
São coisas que estão a dar
A quem não quer receber.*

*Diz isto? Não sei. Nem voz
Ouço, música, à janela
Onde me medito a sós
Como o luzir de uma estrela."(425)*

Hoje minh'alma decretou feriado e pude "surfear" feliz com as nuvens nesta tarde de outono . . .

Tão feliz como um par de folhas amarelas que de repente se mutassem em asas de borboleta . . .

Agora e só agora eu sei . . .

Uma tarde de outono é um monge que, na solidão impenetrável da procura, se recolheu em sua profundidade azul e se fez natureza.

Os submarinos atômicos do mundo não podem mergulhar tão fundo para oferecer espelhinhos à alma do monge.

Quanto a mim — criatura rasa — , não consigo limpar os tais baús porque os marinheiros do mundo são mais velozes que eu.

Em cima da prancha, eu e uma nuvenzinha linda escutamos como Pessoa uma música: as tardes de outono cantam como mansos em oração enquanto viandam no horizonte . . .

A mansidão é uma virtude bastante rara; tão rara como incompreendida.

A ação do manso se ausenta do tempo. É centrípeta: um movimento deliciosamente apaixonado pelo centro de si mesmo. Quem a observa desde longe — do alto verão da “cotidianeidade” — a considera inútil, sem lembrar que para dar vida às sementes a terra precisa se recolher . . .

O outono é frio porque nos faz sentir a brevidade da vida . . .

Meu Pessoa, protegido em sua capa de couro, está novamente aberto. Devo muito a ele . . .

*“ Já me não pesa tanto o vir da morte.
Sei já que é nada, que é ficção e sonho,
E que, na roda universal da Sorte,
Não sou aquilo que me aqui suponho.*

*Sei que há mais mundos que este pouco mundo
Onde parece a nós haver morrer —
Dura terra e fragosa, que há no fundo
Do oceano imenso de viver.*

*Sei que a morte, que é tudo, não é nada,
E que, de morte em morte, a alma que há
Não cai num poço; vai por uma estrada.
Em Sua hora e a nossa, Deus dirá.” (497)*

Antes de fechar o livro ora em meu colo, deixem-me folhear Pessoa uma vez mais . . .

*“Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.*

*Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.*

*A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a frente esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.*

*Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
Ela para ele é ninguém.*

*Mas cada um cumpre o Destino —
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.*

*E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.*

*E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.” (115)*

GEORGE H. BARCAT.

NOTAS

1 - “O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).

Ah, conheço-o; é o Esteves sem metafísica.

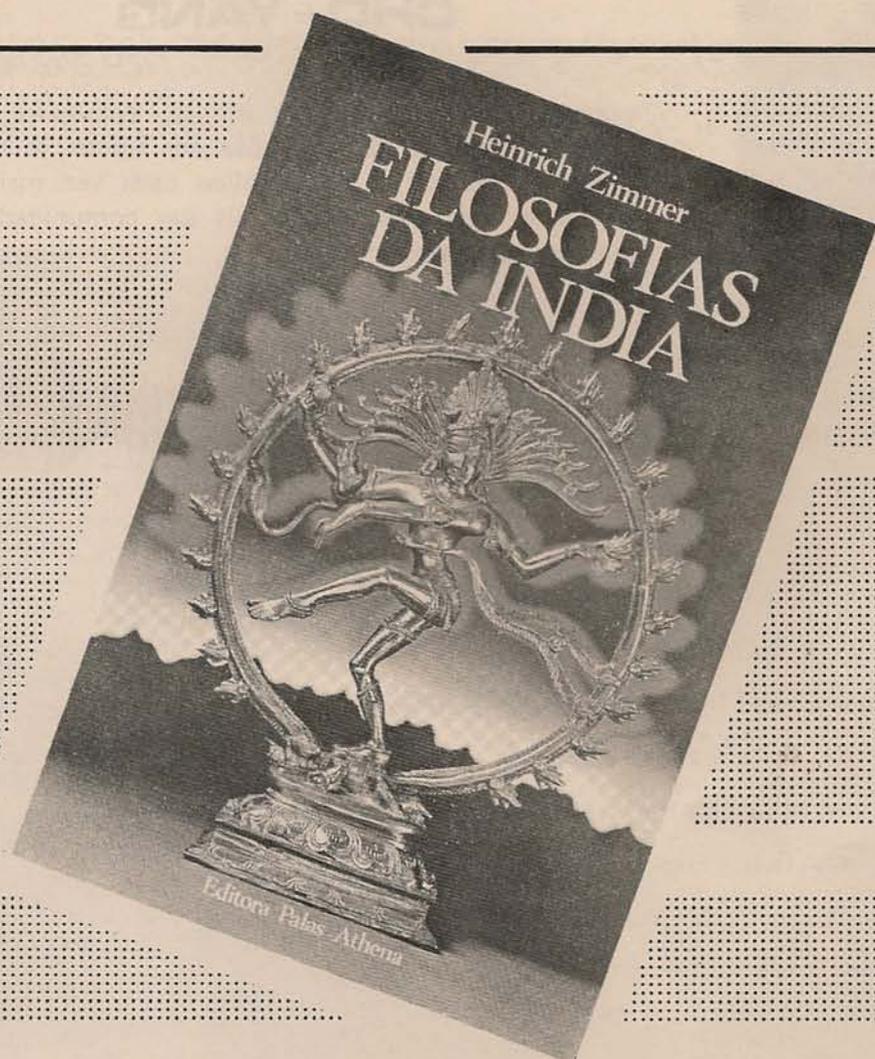
(o Dono da Tabacaria chegou à porta.)

Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me. Acenou-me adeus, gritei-lhe *Adeus ó Esteves!* e o universo Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.”

2 - Os poemas foram extraídos de: *FERNANDO PESSOA Obra Poética* - 9ª edição - Editora Nova Aguilar S.A. - Rio de Janeiro - 1984, sendo que os números das páginas aparecem no final de cada um.

Editora Palas Athena

LANÇAMENTO!



FILOSOFIAS DA ÍNDIA divide-se em três partes principais:

- **O BEM SUPREMO:** uma discussão sobre o pensamento ocidental e oriental bem como a possibilidade de seu encontro, e os fundamentos da filosofia indiana.
- **AS FILOSOFIAS DO TEMPO:** abordando as filosofias do êxito (onde se expõe a surpreendente filosofia política dos hindus).
- **AS FILOSOFIAS DA ETERNIDADE:** as descobertas imorredouras do pensamento indiano sobre a natureza humana, sua psicologia e religião, concebidas em diferentes — porém convergentes — maneiras, o Jainismo, o Brahmanismo (Veda, Upanisad, Bhagavad Gita, Vedanta), o Budismo e o Tantra.

(484 páginas)

DESEJO RECEBER exemplar(es) do livro "FILOSOFIAS DA ÍNDIA" — Edit. PALAS ATHENA, pelo Correo, ao preço de Cz\$ 220,00 por exemplar. Anexo:

- cheque nominal à Associação PALAS ATHENA DO BRASIL.
 vale postal Agência Rafael de Barros (Cód. 403214) — São Paulo - SP.

Nome: _____

Endereço: _____ Nº _____ Apto./Casa _____

CEP _____ Bairro _____ Cidade _____ UF _____

Associação PALAS ATHENA DO BRASIL — R. Leôncio de Carvalho, 99 — CEP 04003 — São Paulo - SP



O Conselho para Assuntos Religiosos e Culturais de sua Santidade, o Dalai Lama, orgulha-se em apresentar:

CHÖ - YANG

publicação que reúne em artigos, ensaios e fotografias a riqueza das tradições do Tibete. A revista procura informar a um público cada vez maior as atividades religiosas e culturais das comunidades tibetanas na Índia.

ASSUNTOS TRATADOS NO VOL. 1, Nº 1

- A Iniciação Kalachakra
- Uma Introdução ao Kalachakra
 - Os Monges Tibetanos
- O Treinamento Mental com os Raios do Sol
 - As Freiras Budistas
- A Psicologia Budista Tibetana
- A Ópera Popular do Tibete
- Considerações acerca de um Artigo Manuscrito Bonpo
 - Uma Breve História do Taglung Kagyu

འགྲོ་ཡང་ CHÖ-YANG

The Voice of Tibetan Religion & Culture



Vol. 1 - No. 1

CHÖ - YANG

Conselho para Assuntos Religiosos e Culturais de sua Santidade o Dalai Lama

CUPOM DE ASSINATURA

Nome ou Instituição (Letra de Forma)

Endereço

Cidade

Estado

Código Postal

País

Remeter para:

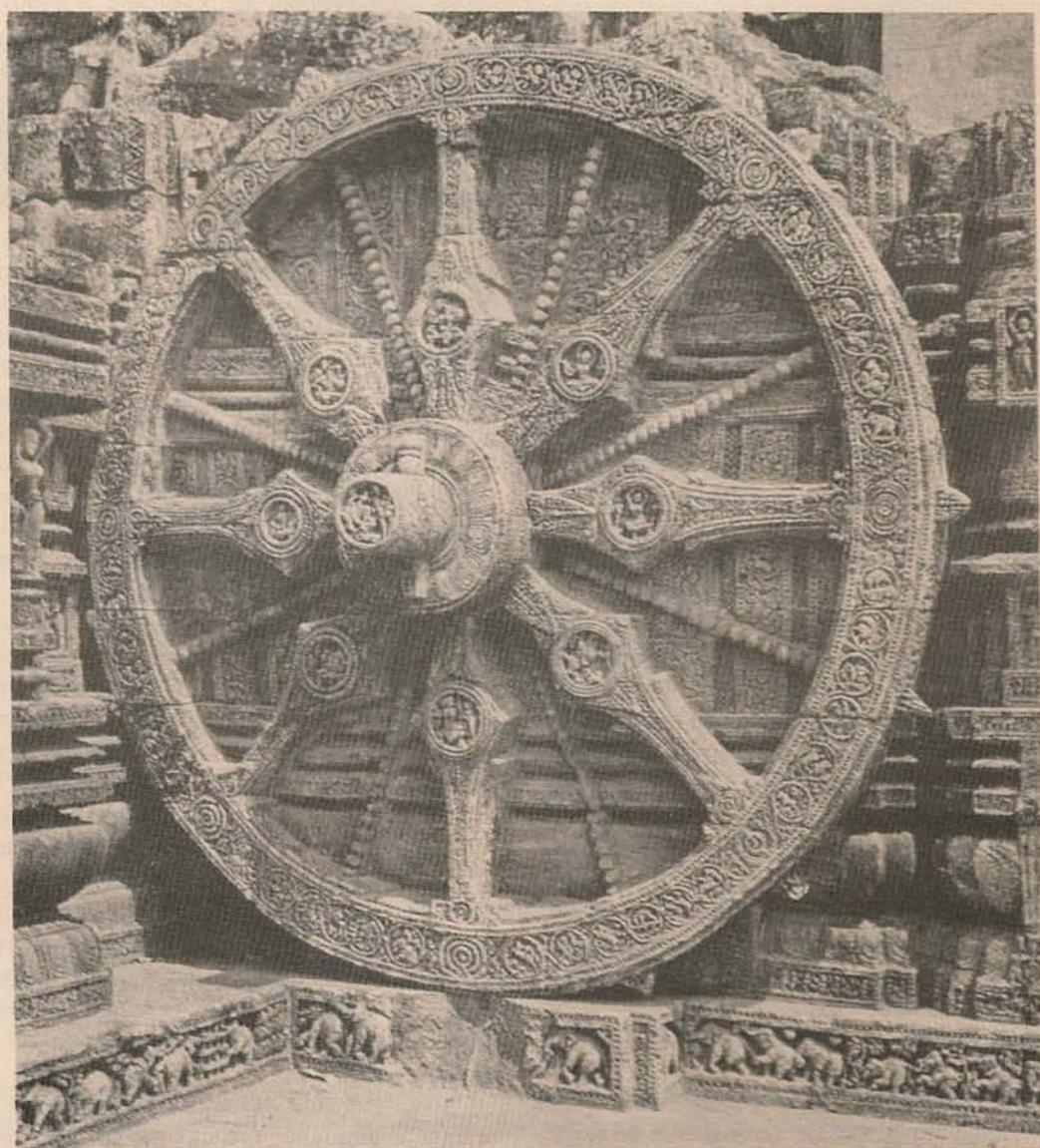
Council for Religious and Cultural Affairs
Gangchen Kyishong
Dharamsala - 176215
Distt. Kangra, Himachal Pradesh
ÍNDIA

Válido por 1 ano (2 exemplares)

Preço: US\$ 20,00

Cheques, Ordem de Pagamento Internacional ou Reembolso Postal Internacional em Dólares Americanos, pagável ao Conselho para Assuntos Religiosos e Culturais.

CICLOS CÓSMICOS



A roda da vida budista indica também o vir a ser contínuo dos seres. (det. do Templo de Surya, séc. XIII).

O tempo e o espaço são considerados há séculos como fenômenos existentes por si mesmos e alheios ao homem. Sabemos hoje, porém, graças aos estudos da física quântica e aos milenares textos

hindus, que tempo e espaço são percepções que têm em sua origem a consciência do observador. Não existem em si mesmos, de forma absoluta e real, mas dependem da formação mental de cada um.

Estas concepções, comuns ao ocidental, não são questionadas e nem vistas criticamente. As pessoas discordam em assuntos políticos, sociais, religiosos e ideológicos, mas, atrás de todo e qualquer conceito de uma cultura, vemos presentes, como um largo manto que a tudo abriga, noções particulares de tempo e espaço.

Para nós, ocidentais, tempo é uma seqüência contínua, com passado, presente e futuro. É um tempo estritamente linear e evolutivo, onde os acontecimentos históricos são únicos. Cristo, por exemplo, nasceu uma única vez, num passado histórico bem determinado; as civilizações têm seu início, seu desenvolvimento e por fim sua extinção.

Os hindus não descartam a existência deste tempo "histórico", mas negam-se a aceitá-lo como sendo uma realidade exclusiva. Além deste tempo há um outro, o "tempo sagrado", onde não há uma evolução linear, mas sim a repetição cíclica. Nosso tempo histórico é uma pequeníssima fração deste outro tempo, eterno e intemporal.

Heinrich Zimmer, em seu livro *Myths and Symbols in Indian Art and Civilization*, traz-nos a tradução de um belíssimo mito do *Brahmavaivarta Purana*, que reproduzimos abaixo em forma resumida.

Após grandes combates e lutas, Indra assassinou um dragão e obrigou os titãs a refugiarem-se nos submundos, permitindo que os deuses retornassem ao cume da montanha central da terra para de lá reinarem.

A cidade dos deuses, porém, estava em ruínas devido à batalha. Indra convocou Vishvakarman, deus das artes e ofícios, e encomendou-lhe a construção de um luxuoso palácio. Vishvakarman desdobrava-se na construção de palácios, jardins e lagos. As exigências de Indra, porém, nunca foram saciadas. Queria sempre algo mais maravilhoso. Desanimado, o divino artesão dirige-se a Brahma, o deus criador, que reside acima da esfera Olímpica da ambição, disputas e glórias. Brahma, após acalmar Vishvakarman, ascende às esferas mais elevadas ainda, para interceder junto ao próprio Vishnu, o Ser Supremo, de quem ele mesmo, Brahma, era apenas um agente.

Na manhã seguinte, surge um menino brâmane, com seu bastão de peregrino, às portas do palácio de Indra, pedindo para falar a este. Após fazer as oferendas de boas vindas, o deus pergunta o motivo de sua visita, sem desconfiar de nada.

A bonita criança responde-lhe: "Ó Rei dos Deuses, tenho ouvido a respeito do imenso palácio que estão construindo e vim apresentar-lhe algumas perguntas. Quantos anos ainda serão necessários para concluir estas obras? O que ainda se espera da

arte de Vishvakarman? Ó Supremo dos Deuses — continua o menino com um imperceptível sorriso no canto dos lábios, nenhum Indra anterior conseguiu ter sucesso no término de um palácio tão grandioso quanto este pretende ser."

Indra achou cômica a pretensão do menino quanto ao conhecimento de "Indras" anteriores. O menino, porém, começou a citar os nomes do pai e do avô de Indra, dizendo havê-los conhecido. "Minha querida criança — assim se dirigiu o menino a Indra — conheci seu pai, Kashyapa, o Velho Homem Tartaruga, senhor e progenitor de todas as criaturas da terra. Conheci seu avô, Marichi, Suporte da Luz Celestial, filho de Brahma. Conheço Brahma, nascido do cálice do lótus crescido no centro de Vishnu. E Vishnu mesmo — o Supremo Ser que ampara Brahma em seu esforço criativo — também a este conheço.

Ó Rei dos Deuses, tenho assistido à espantosa dissolução do universo. Tenho visto tudo perecer muitas vezes ao final de cada ciclo. Nesta temerosa época, cada simples átomo dissolve-se nas águas primárias puras da eternidade, de onde originariamente tudo provém. Tudo retorna ao impenetrável e insondável deserto do oceano, coberto por completa escuridão e vazio de qualquer sinal de ser vivente. Ah, quem contará os universos que já passaram, ou as criaturas que têm surgido freqüentemente dos abismos informes de águas vastas? Quem numerará as idades do mundo tal qual se seguem infinitamente umas às outras? E quem pesquisará através dos imensos infinitos do espaço a fim de contar lado a lado os universos, cada um contendo seu Brahma, seu Vishnu e seu Shiva? Quem irá contar os "Indras" em sua totalidade lado a lado àqueles "Indras" que reinam simultaneamente em todos os incontáveis mundos; aqueles outros que existiram antes destes, ou mesmos os "Indras" que se sucedem em uma dada linha, ascendendo um por um ao reino divino, e um por um desaparecendo? Rei dos Deuses, existe em meio ao seu grupo de serventes alguém que certamente considera ser possível contar os grãos de areia da terra e as gotas de chuva que caem do céu, mas nenhum irá jamais enumerar todos aqueles "Indras". Isto é o que os sábios conhecem.

A vida e o reinado de um Indra perdura setenta e uma eras, quando 28 "Indras" se forem, um Dia e uma Noite de Brahma decorreu. Entretanto, a existência de um Brahma, medida nesses Dias e Noites é de apenas 108 anos. Brahma sucede a Brahma; um submerge, o próximo eleva-se; a infinita série não pode ser calculada. Não tem fim o número desses "Brahmas" — sem falar nos "Indras".

Não obstante, supondo os universos lado a lado a qualquer dado momento, cada um abrigando

um Brahma e um Indra: quem estimará o número desses? Além da mais longínqua visão, rompendo o espaço sideral, os universos vêm e se vão, uma multidão incalculável assim como frágeis barcos nas impenetráveis águas puras que formam o corpo de Vishnu. De cada poro daquele corpo um universo borbulha e vem à tona. Pretenderá o senhor contá-los? Irá o senhor contar o número de deuses em todos esses mundos — os mundos presentes e os mundos passados?”

É delineada aqui uma espantosa visão dos cosmos, brilhante e magnífica. Os universos são incontáveis e sua manifestação e dissolução são breves instantes para a consciência de Vishnu.

A doutrina dos *yugas* é uma complexa concepção de criações e destruições periódicas do tempo. O *yuga*, “idade” ou “éon” é a menor parte deste ciclo cósmico. Assim como os gregos falavam de 4 idades, as Idades de Ouro, Prata, Bronze e Ferro, também os hindus possuem 4 *yugas* básicos, Krita Yuga, Treta Yuga, Dvapara Yuga e Kali Yuga, cujos nomes advêm do jogo hindu de arremessos de dados.

O krita Yuga vem de *kri*, fazer, cumprir; é a “idade cumprida”. No jogo de dados é o lance vitorioso, o dado de 4 pontos. O quatro simboliza a totalidade, a plenitude e a perfeição. O Krita Yuga é também chamado de Satya Yuga, a Idade Real, verdadeira, autêntica e perfeita. Nela reinam a justiça e a felicidade. O *dharma*, a ordem moral do universo, o caminho interior e autêntico dos seres humanos, é respeitado em sua integridade, espontânea e naturalmente. A existência humana identifica-se ao *dharma*.

O Treta Yuga já marca um declínio, uma regressão. É o dado de 3 pontos e nesta época apenas 3/4 do *dharma* são seguidos. O dever, como um mandamento interior, já não é visto e apreendido de forma espontânea, mas precisa ser aprendido. O próprio sistema de castas se subverte. A palavra sânscrita *varna*, “cor”, que traduzimos como “casta”, indicava no Krita Yuga não uma divisão discriminatória adquirida pelo nascimento, mas uma adaptação entre as tarefas que cada um cumpre na vida diária, e a “cor” de sua alma. Um dos grandes males de nossa civilização atual é a incompatibilidade entre nossas inclinações interiores e os papéis que assumimos socialmente. Esta subversão da casta de cada um tem seu início no Treta Yuga.

No Dvapara Yuga existe apenas metade do *dharma*. O equilíbrio foi rompido. Os vícios e a infelicidade aumentam e a vida humana diminui bastante em duração. Cinquenta por cento do *dharma* foi irremediavelmente perdido. Os ideais estão destruídos, o conhecimento de uma hierarquia de valores é esquecida. Todos os seres humanos, brâmanes e reis,

operários e escravos, cegos pelas paixões e pelo desejo de posses terrenas, crescem com aversão aos deveres religiosos, às suas obrigações perante suas almas e seu ser interior. A santidade é difícil de ser adquirida, e são necessários muitos votos devocionais, práticas ascéticas e esforços sobre-humanos.

Kali Yuga, porém, é o ponto extremo da desintegração, *kali* também significa “negro”; é a época negra, da escuridão, onde existem apenas 25% do *dharma*. Os elementos egoístas, devastadores, cegos e imprudentes regem e são triunfantes. No jogo de dados, *kali* é o lance perdedor. Segundo o *Vishnu Purana*, o Kali Yuga “reconhece-se pelo fato de durante esta época só a propriedade conferir categoria social, a riqueza tornar-se a única fonte de virtude, a paixão e a luxúria os únicos laços entre os esposos, a falsidade e a mentira a única condição de êxito na vida, a sexualidade a única via de prazer e a religião exterior, unicamente ritualista, é confundida com a verdadeira espiritualidade”.

Os números 4, 3, 2 e 1 mostram também a duração decrescente dos *yugas*, a diminuição progressiva do *dharma* e a queda do conhecimento.

Os *yugas* podem referir-se a ciclos humanos ou cósmicos. Em termos “divinos”, temos as seguintes durações:

Krita Yuga	4.000 anos
Treta Yuga	3.000 anos
Dvapara Yuga	2.000 anos
Kali Yuga	<u>1.000 anos</u>
	10.000 anos

Cada *yuga* possui uma “aurora” e um “crepúsculo”, com duração da décima parte do *yuga* correspondente. Levando-os em conta, temos:

Krita Yuga	4.800 anos
Treta Yuga	3.600 anos
Dvapara Yuga	2.400 anos
Kali Yuga	<u>1.200 anos</u>
	12.000 anos

Como cada ano “divino” equivale a 360 anos “humanos”, temos:

Krita Yuga	1.728.000 anos
Treta Yuga	1.296.000 anos
Dvapara Yuga	864.000 anos
Kali Yuga	<u>432.000 anos</u>
	4.320.000 anos

Estes quatro *yugas* formam um *mahayuga*. No final de um *mahayuga* temos uma pequena disso-

lução, um *pralaya*, que se repete de forma radical ao final de um *kalpa*, ou seja, 1.000 *mahayugas*. É o *mahapralaya*, a "Grande Dissolução".

Um *kalpa* (lit. "forma") equivale a um dia de Brahma. Dois *kalpas* representam um Dia e uma Noite de Brahma. O dia de Brahma começa com a emanção do universo a partir da substância divina, transcendente e não manifestada, e termina com a dissolução e reabsorção (*pralaya*), de volta imergindo no Absoluto. As esferas do mundo, juntamente com todos os seus seres, desaparecem no fim do dia de Brahma e durante a noite seguinte persistem apenas como um germe latente de uma necessidade de remanifestação. O dia de Brahma equivale, pois, a 4.320.000.000 anos. O dia e a noite somam 8.640.000.000 anos. Brahma, como um deus manifestado, também está sujeito aos ciclos de nascimento e morte. Sua vida total é de 108 "anos" de Brahma, ou seja, 335.923.200.000.000 anos. Como os ciclos são repetidos infinitamente, Brahma sucede a Brahma. A vida de Brahma, em anos "divinos," é de 933.120.000.000 anos.

Cada *kalpa*, além de ser formado por 1.000 *mahayugas*, pode ser dividido em 14 *manvantaras*, ou "intervalos-de-Manu". Cada um possui pouco mais de 71 *mahayugas* e é regido por um Manu, uma encarnação de Vishnu. Cada *manvantara* termina num cataclisma.

Em que ponto estamos neste momento? Segundo a complexa cronologia hindu, o presente período é o Intervalo do Manu Vaivasvata, "Manu o Filho do Radiante" ou "Manu o Filho do Sol Vivasvat". Este é o sétimo *manvantara* do dia atual de Brahma, faltando ainda sete para este terminar. Este *kalpa* é o Varaha Kalpa, o "Kalpa do Javali", porque foi neste dia que Vishnu encarnou na figura de um javali que, segundo as lendas do *Vishnu Purana*, ergueu em suas costas a terra, separando-a das águas onde estava imersa.

Este *kalpa* é o 51º dia da vida de "nosso" Brahma. Irá terminar, após 7 cataclismas mais, na próxima dissolução.

Atualmente estamos num Kali Yuga que teve seu início, segundo a astrologia hindu, a 18 de fevereiro de 3.102 a.C.

Naquele momento irrompe na sala uma procissão de formigas, com uma largura de quase quatro metros. O menino olhou-as e começou a rir. Imediatamente, porém, submergiu-se em profunda introspecção e pensativo silêncio.

Com a voz falhando, lábios e garganta secos, o orgulhoso rei pede que lhe explique o porquê daquilo. O menino a princípio recusa-se. "A Causa de aflições e os frutos da sabedoria estão contidos neste

ensinamento. É o segredo que derruba com um machado a árvore da vaidade. Este segredo é o ar vivente daqueles ascetas que renunciam e transcendem a existência mortal; mas aqueles iludidos pelo desejo e pelo orgulho são destruídos". Após insistentes apelos de Indra, porém, revela-lhe o segredo:

"Eu via as formigas, ó Indra, em um extenso desfile. Cada uma delas foi alguma vez um Indra. Como o senhor, cada uma pela virtude da devoção, de fato alguma vez subiu à classe de um rei dos deuses. Contudo, agora, através de muitos renascimentos, cada uma tornou-se novamente uma formiga. Este exército é um exército de "Indras" anteriores. Compaixão e ações nobres elevam os habitantes do mundo ao glorioso reino das mansões celestiais, ou aos altos domínios de Brahma e Shiva e às mais altas esferas de Vishnu; mas atos de fraqueza fazem-nos descer aos mundos inferiores, entre fossos de dor e tristeza. É pelas ações que se é digno de felicidade ou angústia e se torna um mestre ou um escravo. É pelas ações que se alcança a linha de um rei ou brâmane, ou de algum deus, ou de um Indra ou de um Brahma. E novamente através das ações, contrai-se doença, adquire-se beleza e deformação, ou se renasce na condição de um monstro."

Na primeira parte do conto o menino mostra ao orgulhoso Indra que este está sofrendo o que hoje chamaríamos de "inflação do ego". Indra não vê nada além de sua limitada situação, julga-se orgulhosamente o máximo do universo, esquecendo-se que, em outro sentido, é um ponto que dura menos que o piscar dos olhos de Vishnu. Envaidecido em seu posto, ignora a realidade que o transcende.

Com as formigas é explicada a teoria do *karma*, pela qual todo ato nosso, seja este físico, emocional ou mental, gera uma conseqüência.

Somos a conseqüência, o resultado de todas as nossas ações passadas; e o futuro será conseqüência das atitudes que tomamos hoje, nesse instante mesmo. A felicidade ou infelicidade depende única e exclusivamente de nós mesmos. A ascensão e a queda são os dois caminhos que se apresentam a cada instante perante nós mesmos.

O menino concluiu seu discurso olhando silenciosamente seu anfitrião, que se sentiu reduzido à insignificância. Para sua surpresa, porém, outra estranha aparição surgiu no recinto.

O recém-chegado tinha a aparência de eremita; cabelos emaranhados, uma camurça preta envolvendo os quadris, na testa uma marca branca pintada. Havia em seu tórax uma pitoresca mecha circular de cabelos; era intacta na circunferência mas no centro muitos dos cabelos pareciam haver desaparecido. Indra ofereceu-lhe as boas vindas e o menino

dirigiu-lhe algumas perguntas: "De onde provém, ó Santo Homem? Qual é o seu nome? Onde é a sua atual casa? Qual o presságio deste feixe redondo de pelos em seu peito? Por que é denso na circunferência mas escasso em seu centro? Responda brevemente a estas questões, pois estou ansioso por compreendê-las".

O velho homem, sorrindo pacientemente, começou sua explicação: "Sou um brâmane. Hairy é meu nome. Vim até aqui para venerar Indra. Desde que descobri que tenho vida curta, decidi não possuir nenhum lar, nem construir casa, nem me casar, nem procurar um meio de vida. Sobrevivo de esmolas que me são oferecidas. Quanto ao círculo de cabelos em meu peito, é uma fonte de pesar às crianças do mundo. Contudo, ensina sabedoria. Com a queda de um Indra, um fio cai. Por isso então é que no centro todos os fios de cabelo caíram. Quando a outra metade do tempo destinado ao Brahma atual estiver chegando ao fim, eu mesmo devo morrer. Ó menino brâmane, sucede-me que estou de certo modo com poucos dias: qual é portanto a utilidade de uma esposa, de um filho ou de uma casa? Cada breve movimento das pálpebras do grande Vishnu registra a passagem de um Brahma. Tudo aquilo abaixo da esfera de Brahma é destituído de substância, do mesmo modo que uma nuvem se forma e novamente se desmancha. É por isso então que me devoto exclusivamente a meditar sobre o prodigioso pé de lótus do supremo Vishnu. Fé em Vishnu é mais que a bem-aventurança da redenção; cada prazer, mesmo o celestial, é tão frágil quanto um sonho, e somente atrapalha nossa fé n'Ele".

Abruptamente interrompeu sua fala e desapareceu. Era o próprio deus Shiva que retornava à sua residência supramundana. O menino brâmane, que era Vishnu, também desapareceu. Surpreso e desorientado, Indra ficou sozinho.

Indra começou a ponderar. Tudo parecia que havia sido um sonho, entretanto, seus desejos de engrandecer seu esplendor celestial haviam desvanecido. Convocou Vishvakarman, e, arrependido, saudou-o com doces palavras e deu-lhe presentes preciosos. Indra desejava a redenção, a liberdade. Entregou seu reinado ao filho e dirigiu-se às montanhas para levar a vida eremita dos ascetas. Sua esposa Sachi, porém, chorando e em desespero pela partida de Indra, recorreu a Brihaspati implorando-lhe que demovesse seu marido de tão séria resolução. O hábil conselheiro dos deuses tomou-lhe as mãos e foram ambos à presença de Indra. Perante ambos, discursou prudentemente sobre as virtudes de uma vida espiritual e também as virtudes de um leigo. Deu a cada uma seu valor. Seu aluno real foi persuadido a

desistir de sua radical resolução". "Assim termina a admirável estória de como o rei dos deuses foi humilhado em seu orgulho sem limites, curado de uma excessiva ambição e através da sabedoria, tanto espiritual quanto secular, levado ao conhecimento de seu devido papel na infinita roda da vida".

Após a apresentação da realidade dos cosmos e de nossa posição e responsabilidade, Indra vê-se impelido a buscar sua redenção, sua liberação dos ciclos intermináveis. A saída é sempre espiritual; só nos envolvemos nos ciclos, com suas alegrias e tristezas, se nossa consciência o confunde como sendo a única realidade. A atitude de Indra agora vai ao outro extremo, negando totalmente a realidade desse mundo.

Brihaspati, porém, lhe mostra que temos responsabilidades perante ambas as realidades: a eterna e a transitória. São dois aspectos de Vishnu, sua realidade e sua *maya*, "ilusão", que, enquanto formos seres humanos, fará parte de nossa realidade também. O homem sábio vive no mundo ao mesmo tempo em que mantém sua consciência no eterno.

"Aquele que vê a ação na inação e a inação na ação, esse é sábio entre os homens; em estado de união (o *atma*, ao Ser), pratica a ação inteira." (*Bhagavad Gita IV, 18*)

DAVID COHEN

BIBLIOGRAFIA:

- 1- Zimmer, Heinrich, *Myths and Symbols in Indian Art and Civilization*, Princeton University Press, 1ª edição, Princeton, 1974.
- 2- Eliade, Mircea, *Imagens e Símbolos*, Ed. Arcadia, 1ª edição, Lisboa, 1979.

A Reforma do Pensamento em Descartes

O Mundo como Realidade: o Realismo

A importância atribuída a Descartes não reside apenas em sua filosofia mas também, e talvez na mesma medida, nas repercussões que se desencadeiam na História a partir de seu surgimento. A audácia e originalidade de seu pensamento refletem a ansiedade e a inquietação de toda uma época envolta na dúvida. Neste sentido, Descartes teve um desempenho histórico considerável, porque, levando em conta a trajetória que a filosofia ocidental delineava, isto é, em suas proposições fundamentais, no que poderíamos chamar seus avanços e retrocessos, percebemos que tinha ela uma direção bastante definida. O homem não conjecturava acerca dos princípios sobre os quais se assentava todo o conhecimento; cuidava, sim, de amalgamá-los e formar um corpo, cada vez mais sólido, através de um sistema cumulativo.

Mas estas indagações contêm uma reflexão sobre o significado da História ou da Filosofia da História e tornaram-se quase que o instrumento, por excelência, da análise e crítica do pensamento moderno. E assim, para entendermos com abrangência a obra de Descartes, levantamos as seguintes questões: como devemos nós, homens do século XX, interpretar uma filosofia de 400 anos? Como uma ação, que é simplesmente o resultado de estímulos temporais, transforma-se numa tentativa humana de sobrepujar sua própria condição? Tratar-se-ia, mais objetivamente, de perguntar se a filosofia é uma atividade do homem que, partindo da História, pretende ultrapassá-la ou se, apesar de todo o esforço, continuará sendo sempre o conteúdo próprio da História. De fato, esta discussão, que aqui será apenas assinalada, teria que remontar a outros parâmetros, ou a uma tradição metafísica que a Filosofia atual descaracteriza completamente, daí o relevo histórico.

Sabemos que nos primórdios da filosofia grega, com os chamados pré-socráticos, a questão fundamental era: o que é o Ser?

A intenção era clara, mas o procedimento era atípico ao homem do século VI a.C., que vivia em função de uma atitude mítica perante o universo. Não interpretava o mundo, sentia-o; a comunhão com a totalidade das coisas seria talvez a nota característica mais acentuada entre aquele e o homem que surgia.

O evento da cultura grega é a culminância da passagem das civilizações mítico-religiosas para a do homem que interroga, representando a tentativa de uma linguagem nova, capaz de colocar os problemas cruciais da existência humana. A preeminência que o exercício mental-intelectivo começa a ter sobre a sensibilidade instaura a participação do logos. O que antes se sabia por empatia sensível—através de uma linguagem eminentemente simbólica e imprecisa (nas cosmogonias, por exemplo)—determinava que o mundo manifestado só poderia ter origem numa causa imanifesta. Porém, o grego perguntará: o que é isto que dá origem a todas as coisas? Uma indagação que caracteriza este novo estado emergente, ou seja, o do filósofo.

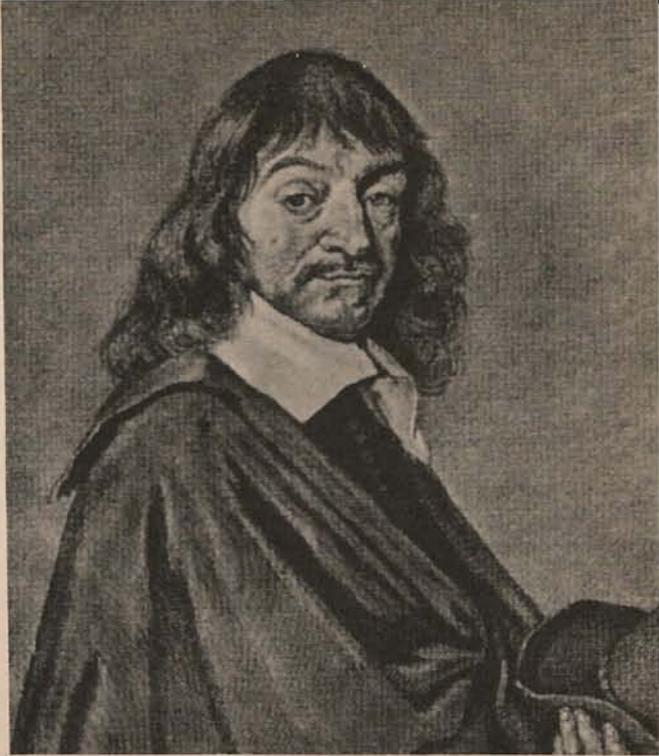
Assim, nestes primórdios, para explicar a *physis*, temos o nome de Parmênides, que será retomado por Platão, e mais tarde por Aristóteles já com outra intenção que a de seu mestre. Portanto, nota-se que a posição realista, tipicamente grega, é extraída do conjunto das visões dos seus filósofos e que, apesar de suas diferenças, formam uma unidade facilmente identificável quando reconstituímos sua história. Pois, ao que se chama realismo, é sempre uma filosofia assentada sobre uma ótica mítica, que tomará o mundo como uma realidade oriunda de um Ser primeiro, e que na tradição filosófica será conhecida por *Mestafísica*, ou a investigação daquilo que está além da *physis*.

Dessa forma, a concepção realista entende o mundo como algo pronto e feito por uma força transcendente (Platão e Aristóteles divergem neste ponto), que contudo o mantém; e o conhecimento dá-se no reconhecimento ou identificação de suas leis, dado que o homem está nele imerso. É nesse sentido que o célebre aforismo de Parmênides preenche-se de significação: "O real e o mental são uma e a mesma coisa", ou seja, trata-se de conhecer o mundo, ou antes, de reconhecê-lo, perceber como é regido e de que maneira atuam suas leis. Por isso Aristóteles o classificou, buscando com a razão as inúmeras maneiras do Ser manifestar-se, pois sua lógica pretendia ser ontológica, isto é, dizer como o Ser se nos apresenta.

Percebemos então que o paulatino desenvolvimento do logos coincide ou é a própria criação da Metafísica; o estatuto ontológico, conferido pela atitude racional, é, portanto, a realidade. A inadequação da palavra e da linguagem lógica para traduzir tudo isto que nos circunda múltipla, disforme e aparentemente sem ordem alguma, criou, no entanto, uma civilização que quis ver a realidade como racionalizável, onde o conceito transformou-se na verdade de todas as coisas. Hoje, o cerne da repulsa que se tem de uma pretensa e inócua transcendência humana repousa na crítica a esta cultura, que insiste no erro de tomar a razão como produtora de conceitos orientadores da vida; ora, se diz, a vida é muito mais que conceitos e a razão nada mais é que uma das partes constitutivas deste complexo, indefinível e multifacetado estado humano. Mas, esta inversão que se faz hoje teve início na Renascença, e Descartes foi um dos principais protagonistas desse novo espírito que inspirou os rumos da história do Ocidente.

Descartes e seu Tempo

Os séculos XV, XVI e XVII são marcados por várias mudanças que alteram a visão do homem medieval. Ele agora anseia recuperar a tradição greco-romana através das artes e da filosofia, após 1.500 anos de completo domínio da Igreja; as aventuras marítimas alargam, não somente os horizontes geográficos, mas conferem ao homem europeu uma nova dimensão de si mesmo perante o universo, reforçada pelas descobertas não só de terras mas do céu, com Kepler, Copérnico e Galileu e a queda do geocentrismo. O planeta Terra deixa de ser o ponto privilegiado, morada da coroa da criação divina. Descobertas científicas começam a aparecer aqui e ali, ao mesmo tempo em que se perde o piso e o norte, num espaço de tempo muito curto para mudanças tão radicais. Ao cristianismo opõe-se o protestantismo, — a Reforma



R. Descartes (1596-1650).

rompe violentamente a unidade religiosa e, como consequência de tantos abalos sucessivos, começa-se a perceber que o mundo tem muitas coisas além das que até então se afirmavam serem as verdadeiras; as certezas se dissipam e não há nada de imediato que as possa substituir, pois toda transformação necessita de tempo. A dúvida e a insegurança adquirem tamanha estatura que assombra o homem comum. Não se estranhe, portanto, que dentro desse clima surja um movimento calcado no ceticismo, tendo como figura central o pensador francês Michel de Montaigne, que ganha rapidamente a aprovação de seus contemporâneos, pois sua obra reflete bem tal época.

O ceticismo não é algo novo no quadro da filosofia ocidental; reaparece sempre em momentos bem característicos e, por isso, não seria difícil seguir seus ressurgimentos, a tal ponto que Montaigne recorre em boa parte de seus *Ensaíos* aos antigos romanos, Sêneca, Plutarco e Marco Aurélio. A filiação evidente com o estoicismo faz do homem o principal feitor de seu destino. Porém, quando ele atribui demasiada importância às influências externas, que espelham contradições, dúvidas e incertezas, volta a surgir a necessidade de encontrar um caminho certo e seguro para o conhecimento humano.

A obra de Montaigne, como a de Descartes, é fruto de uma posição cética em relação a qualquer dogmatismo, desenvolvendo livremente os temas que bem lhe aprouverem, observando e comentando a vida humana como se estivesse a passear sem horário de volta. Montaigne, por temperamento e por destino, não pretende reformar nenhuma instituição política,

religiosa ou social. Face a tantos erros já cometidos pelo homem, suspende seu juízo — e eis a semelhança com Descartes. Rejeita os conhecimentos apregoados e detém seu conceito, mas segue adiante e, estabelecendo a dúvida metódica numa nítida expressão de desalento, volta-se para si próprio e, a partir de si, indaga acerca da natureza humana. Vejamos como a introdução de sua obra *Ensaio* revela este seu espírito:

“Do Autor ao Leitor:

Eis aqui, leitor, um livro de boa-fé. Adverte-o ele de início que só o escrevi para mim mesmo, e alguns íntimos, sem me preocupar com o interesse que poderia ter para ti, nem pensar na posteridade. Tão ambiciosos objetivos estão acima de minhas forças. Voltei-o em particular a meus parentes e amigos e isso a fim de que, quando eu não for mais deste mundo (o que em breve acontecerá), possam nele encontrar alguns traços de meu caráter e de minhas idéias e assim conservar mais inteiro e vivo o conhecimento que de mim tiveram. Se houvesse almejado os favores do mundo, ter-me-ia enfeitado e me apresentaria sob uma forma mais cuidada, de modo a produzir melhor efeito. Prefiro, porém, que me vejam na minha simplicidade natural, sem artifício de nenhuma espécie, porquanto é a mim mesmo que pinto. Vivos se exibirão meus defeitos e todos me verão na minha ingenuidade física e moral, pelo menos enquanto o permitir a conveniência. Se tivesse nascido entre essa gente de quem se diz viver ainda na doce liberdade das primitivas leis da natureza, asseguro-te que de bom grado me pintaria por inteiro e nu. Assim, leitor, sou eu mesmo a matéria deste livro, o que será talvez razão suficiente para que não empregues teus lazeres em assunto tão fútil e de tão mínima importância.

E agora, que Deus o proteja (a obra). De Montaigne, em primeiro de março de 1580.”¹

Assemelha-se a algumas passagens do *Discurso do Método*, que igualmente é uma forma de confissão. Bem mais que uma simples descrição da trajetória intelectual, retrata um itinerário percorrido pela consciência e isto os aproxima em cronologia e método.

A Razão Subjetiva: o Eu Cartesiano

A educação de Descartes foi esmerada. Muito cedo foi enviado a um dos melhores colégios de jesuítas, o de La Flèche, onde aprendeu letras e matemática. Mas, apesar de ter demonstrado certa precocidade, logo percebeu que todo o ensinamento recebido era inútil para obter um conhecimento sólido.

Via sua fragilidade sustentada por séculos seguidos. “Pois me achava enleado em tantas dúvidas e erros, que me parecia não haver obtido outro proveito, procurando instruir-me, senão o de ter descoberto cada vez mais a minha ignorância.”²

Lembre-mos que Descartes procurava certezas apodíticas nas ciências humanas e na filosofia, como as certezas matemáticas, pois seguindo a tradição filosófica, o reconhecimento da própria ignorância na visão socrática é sempre o passo inicial para a aquisição do conhecimento (episteme).

Aliás, ela não nega o conhecimento mas, como já vimos, suspende seu juízo para poder verificar se, de fato, procede, e neste esforço constituído pela dúvida metódica, descobre uma segunda e mais profunda interpretação, que é a do tornar-se “desperto” significando ver (compreender) a vida em dimensões que não as ordinárias.

Entendamos melhor isto.

Ele tenta realizar uma espécie de auto-análise, já que esta é a única forma real de aplicar a dúvida radicalmente. Não se trata de um método superficial, mas o contrário, vasculha-se incessante, metódica e profundamente procurando tornar claros os conteúdos deste *si-mesmo*. Daí este método não ser um mero exercício intelectual, pois “quanto mais a dúvida for vivida como radical, mais as certezas que se impuserem, em seguida, se apresentarão como inabaláveis.”³ E assim, inversamente à sua afirmação, a dúvida torna-se o resultado do reconhecimento da ignorância. A opção que faz pelo pensamento matemático exigirá uma consideração do mundo, não só objetiva mas quantitativa, idéia nuclear que orientará toda sua concepção sobre a Física.

O contexto da filosofia cartesiana proporciona então uma unidade que se distinguirá, de forma antitética, do pensamento realista. A Metafísica entendida no sentido transcendente e transfísico deixará de ser o fundamento e o objetivo do filosofar; vislumbra-se no horizonte histórico o reencontro do sentido da vida no homem. Ortega y Gasset define com clareza: “. . . Metafísica, não como uma espécie de física extramuros, senão como um retroceder ao fundo de si mesmo”⁴, referindo-se a um tempo desolado com sua própria tradição, que tem que recomeçar pois, não encontrando mais segurança, o homem retornará a si para preencher de significado um mundo que se lhe apresenta tão caótico.

Ora, Descartes tem ciência de que todo conhecimento começa pelos sentidos — nosso contato com o mundo. Eles propiciam imagens que formamos em nossa mente pela ação do intelecto e, a partir delas, representamos as coisas atribuindo-lhes tal ou qual significado. O pensamento do objeto correspon-

dia ao objeto em si, ou seja, o conceito era a própria verdade, uma vez que o pensamento captava a coisa em si absolutamente. O edifício aristotélico, expressão mais acabada do realismo, historicamente vinha naufragando.

Lembremo-nos, ainda uma vez, que a rejeição à lógica tradicional, onde subjaz uma ontologia, rejeita ao mesmo tempo toda metafísica e a ética pressuposta nela.

Descartes percebeu claramente que o conhecimento conceitual é um conhecimento mediato. De fato, respondendo às objeções que lhe foram dirigidas por alguns teólogos acerca das *Meditações*, assevera: "Ter certeza de que conheço uma coisa como completa não significa ter certeza que conheço completamente uma coisa. Quando percebo algo clara e distintamente, negando a seu respeito tudo o mais, não estou certo por isso que Deus nada pôs nessa coisa além do que meu entendimento conhece".⁵

Sua pretensão é conseguir uma certeza tal que dê origem a uma série de outras, o que é praticamente impossível mediante o processo de conhecimento até então utilizado.

Reconhece a falibilidade das percepções dos sentidos e concebe um conhecimento que independe deles, ou seja, o próprio pensamento (o pensamento que se dá conta do pensamento). Porque este pensamento, que se apercebe de que eu penso, não vem do exterior, não depende, de fato, de nenhum objeto, que sendo percebido pelos sentidos pudesse enganar-me; estamos, pois, face a um conhecimento imediato e que acima de tudo constata que eu sou uma coisa que pensa. Daí o *cogito* não ser raciocínio senão um reconhecimento e constatação.

O *cogito, ergo sum* constitui-se numa intuição primária, irreduzível e absolutamente segura. Porém a passagem do eu para o mundo, ou a saída desta certeza para as coisas, já não encontra tanta facilidade, e sem o auxílio da idéia de grandeza, aplicada por meio da comparação, haveria um hiato intransponível. O cotejo só pode acontecer "quando o que se compara apresenta um mais e um menos . . . e se pretendemos determinar essas diferenças com exatidão (matematicamente) temos de as referir a uma escala especial (ao termômetro, por exemplo) ou a movimentos. Portanto, para comparar exatamente os objetos, e assim conhecê-los, temos que os conceber como grandezas espaciais. Explica-se e justifica-se, deste modo, dentro da teoria do conhecimento, a consideração puramente quantitativa, característica da moderna ciência natural."⁶

Assim, pelo estabelecimento do *cogito* (portanto o eu), Descartes faz com que o mundo tenha uma realidade, completamente distinta de nós, e que

não podemos conhecer. A esta altura de seu pensamento encontramos a explicação que fundamenta estas duas realidades distintas, o eu e o mundo, radicadas na idéia de Deus (recordemo-nos que lhe interessa a prova ontológica racional de Deus, sem qualquer vestígio de alguma mística que implique revelação).

Deus, o "Gênio Maligno" e as Duas Substâncias

A noção de substância para Descartes acompanha, de certa forma, a idéia clássica sustentada pelos gregos (Aristóteles) e pela Escolástica. Nestes, substância é o predicado do Ser por identidade, enquanto os acidentes são atributos do Ser por inerência. Porém a estas concepções lógicas temos uma significação última ontológica, que equivale a dizer, a metafísica realista. Enquanto Descartes prescinde desta necessária unidade, concebendo sem conflito em sua filosofia a prova racional de Deus, que é a substância infinita, na qual estão radicadas, ou têm origem, as outras duas substâncias, tão díspares entre si, o eu e o mundo. Mas, se ambas são oriundas de Deus (única realidade por si) o que torna impossível que o eu saia para o mundo e compreenda as coisas? Então Descartes institui a idéia do gênio maligno, pois Deus, que deu origem ao homem e a tudo o mais, em sua perfeição não poderia criar esta imperfeição do conhecimento humano. É neste sentido que se afirma a imanência da filosofia cartesiana — onde o mundo são coisas revoltas, caóticas e sem sentido algum, porém eu posso ver-lhes o sentido através da evidência, de idéias claras e distintas; então trata-se de que a partir da razão nós enxergamos a verdade ou uma unidade significativa no mundo, colocando-o em ordem para poder entendê-lo.

Descartes define substância como aquilo que não necessita de qualquer outra coisa para existir, pois basta-se a si mesma ou, ainda, é completamente independente. Deus, diz ele, é a substância infinita e a rigor é a única substância. "Deus, fundamento ontológico do eu e das coisas, é quem torna possível que o mundo seja conhecido pelo homem."⁷ De fato, as provas sobre a existência de Deus constituem-se no liame que torna possível que as duas substâncias (a mente e o mundo) se interajam.

Os argumentos ontológicos, assim chamados por se referirem ao Ser, têm como pressuposto o princípio da causalidade. O argumento central, como os outros num total de quatro, Descartes formula-o assim no *Discurso do Método*:

"Em seguida, tendo refletido sobre aquilo que eu duvidava e que, por consequência, meu ser não

era totalmente perfeito, pois via claramente que o conhecer é perfeição maior que o duvidar, deliberei procurar de onde aprendera a pensar em algo mais perfeito do que eu era; e conheci, com evidência, que deveria ser de alguma natureza que fosse de fato mais perfeita. No concernente aos pensamentos que tinha de muitas outras coisas fora de mim, como do céu, da terra, da luz, do calor e de mil outras, não me era tão difícil saber de onde vinham porque, não advertindo neles nada que me parecesse torná-los superiores a mim, podia crer que, se fossem verdadeiros, eram dependências de minha natureza, na medida em que esta possuía alguma perfeição; e se não o eram, eu os tinha do nada, isto é, estavam em mim pelo que eu possuía de falho. Mas não podia acontecer o mesmo com a idéia de um ser mais perfeito do que o meu, pois tirá-la do nada era manifestamente impossível; visto que não há menos repugnância em que o mais perfeito seja uma consequência e uma dependência do menos perfeito do que em admitir que do nada procede alguma coisa, eu também não podia tirá-la de mim próprio. De forma que restava apenas que tivesse sido posta em mim por uma natureza que fosse verdadeiramente mais perfeita do que a minha, e que tivesse em si todas as perfeições de que eu poderia ter alguma idéia, isto é, resumindo, que fosse Deus.”⁸

Fica assim demonstrada a existência de Deus e Descartes recusa-se a imaginar que sejam ato da divindade os enganos que acometem o homem quando este almeja conhecer. Vê-se que Descartes então realiza um trabalho racional de tamanha magnitude que é forçado a denominar a incapacidade humana como resultado da existência de algo que impele os homens a se enganarem, isto é, do gênio maligno. E todo aquele que não conseguir para si próprio idéias claras e distintas, a evidência (como o *cogito* e as provas de Deus) estará sob a influência deste gênio maligno ou da ignorância.

Dá-nos mesmo a sensação de um trajeto percorrido no sentido de libertarmo-nos paulatinamente dos equívocos a que tão facilmente somos levados a fundar, de maneira definitiva, uma base sólida para o conhecimento e este só pode ser alcançado pela razão.

Este trajeto que a razão percorre, primeiro reconhecendo a si própria (eu sou uma coisa pensante), em seguida percebendo-se finita, débil e imperfeita, tem de afirmar a existência de um ser perfeito, de Deus e em contrapartida do gênio maligno, que nos engana enquanto não estivermos preparados para enxergar a verdade. Finalmente, a razão assim avisada (suficientemente avisada) procede cautelosa quando parte em direção ao mundo, aplicando a dúvida metódica, sem se apressar para não cair nos erros da filosofia anterior.

Descartes elaborou uma filosofia que correspondeu ao seu tempo, porém, como os outros filósofos, pretendia que seu pensamento fosse o verdadeiro, ou sua filosofia definitiva. Historicamente representou “o dualismo metafísico radical, quer dizer, a diferença essencial entre o corpóreo e o espiritual. O mais importante da sua contribuição consiste em ter sido o primeiro que pretendeu explicar a totalidade da realidade material, Céu e Terra, reino inanimado e animado, mecanicamente (quer dizer, por processos de movimentos puramente causais e submetidos a leis)”⁹

Contudo, ao lado da influência que exerceu em seu tempo e séculos seguintes, provocando a independência da razão, e excluindo o domínio teológico e metafísico no terreno humano, Descartes é chamado filósofo não antes por isso, senão por fazer de sua vida uma tentativa profunda e aguda de encontrar alguma verdade. É este esforço que caracteriza e distingue o filósofo, o esforço incessante por encontrar o destino humano e cumpri-lo!

JOSÉ CARUSO

NOTAS

- 1 - Montaigne, Michel. *Ensaio*, col. *Os Pensadores*, Abril Cultural S.A., SP., 2ª edição, 1980, p.08.
- 2 - Descartes, René. *Discurso do Método*, col. *Os Pensadores*, Abril Cultural S.A., SP., 2ª edição, 1979, p.30
- 3 - Descartes, René. *Meditações*, col. *Os Pensadores*, Abril Cultural S.A., SP., 2ª edição, 1979, p.89 n.22.
- 4 - Ortega Y Gasset, José. *Que é Filosofia*, Livro Ibero-Americano Ltda., Rio de Janeiro, 1984, p. 107.
- 5 - Descartes, René. *Objecções e Respostas*, col. *Os Pensadores*, Abril Cultural S.A., SP., 2ª edição, 1979, p. 151.
- 6 - Messes, August. *História da Filosofia*, Ed. Inquérito, Lisboa, 7ª edição, 1946, p. 237.
- 7 - Marias, Julián. *História da Filosofia*, Editora Sousa & Almeida Ltda., Porto, 5ª edição, p. 222.
- 8 - Descartes, René. *Discurso do Método*, col. *Os Pensadores*, Abril Cultural S.A., SP., 2ª edição, 1979, p. 47.
- 9 - Messes, August, *História da Filosofia*, Ed. Inquérito, Lisboa, 7ª edição, 1946, p. 245.

CHINA, velha CHINA!

Trêfego, o raio de sol rompe a renda da cortina e calidamente acaricia o vaso da lareira. Aproximo-me, olho-o detidamente; a porcelana é delicada, fina, quase translúcida, o esmalte lustroso com gravações que vão do sangue de boi ao pálido pele de pêssego. Fecho os olhos e murmuro: China! e num turbilhão as idéias se atropelam em minha mente. Vejo com os olhos da imaginação a Velha China de outrora, onde artesãos pacientes criavam obras-primas em cerâmica e porcelana e os ponteiros do velho relógio recuam lentamente no tempo ...

No norte chinês descobriram-se vasos de cerâmica datados de 2500 a.C. a 400 a.C. — alguns belamente decorados em negro ou castanho sobre fundo avermelhado ou marrom, com espirais, ondas e festões. Essas peças e as encontradas em Susã (3000 a.C.), no Turquestão russo (fins do quarto milênio), sul da Rússia (1700 a.C.) e România, possuem tais afinidades que levaram muitos estudiosos a pensarem em florescente civilização na Eurásia entre o quinto e o segundo milênio antes da era cristã.

A dinastia Chang (séc. XVII a.C. a 1122 a.C.) nos legou os primeiros sinais gráficos chineses em um aluvião de ossos e conchas com inscrições, todos encontrados em Siao t'uem (Honan) capital dos últimos reis Chang.

A China sempre esteve isolada e sofreu poucas invasões; por essa razão conseguiu conservar documentos preciosos sobre sua mais remota história. Em fins do século passado e início deste houve uma febre de escavações arqueológicas — podemos até nos lembrar que Teilhard de Chardin fez parte de uma dessas expedições.

Em 1935 minuciosas escavações descobriram quatro túmulos reais com enorme quantidade de vasos, armas e capacetes de bronze, fragmentos de jade, cerâmica fina e branca, esculturas de mármore em relevo pleno, já revelando uma arte sofisticada e madura no século XIII a.C.

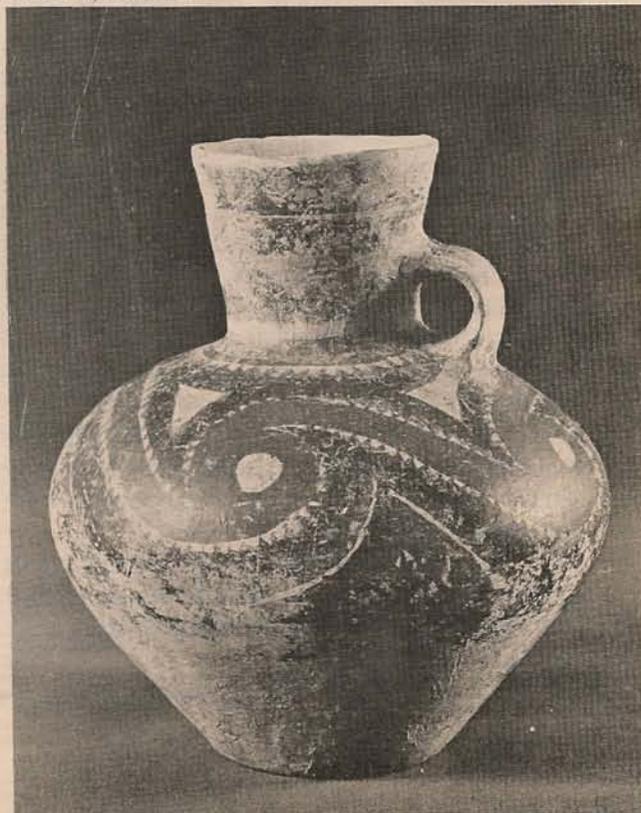
Os motivos que vão perdurar nos bronzes da época Chu (1122 a.C. a 249 a.C.) têm como exemplo característico o Tao-t'ie, máscara monstruosa com enormes olhos e chifres, lembrando cabeças da

América pré-colombiana; além desta peça há o Long (dragão), o Huei (serpente), a Tch'a (cigarra), que se destacam geralmente em relevo sobre um fundo de ondas representando o Lei-wen (trovão).

Na época Chu a dinastia se estabelece em Honan. Aí foi encontrada enorme quantidade de vasos para preparação de alimentos, todos em bronze cinzelado, armas, objetos de jade, discos, símbolos do sol, do céu e do imperador, e cilindros ocios sobre um bloco retangular (símbolo da terra) lembrando a imperatriz, o tigre branco (símbolo do ocidente) e a primavera. Há machados, facas rituais, amuletos de jade (peixes, cigarras), onde o gênio criador chinês se expressa com força e intensidade inigualáveis. A cigarra é o símbolo da eternidade e o jade representa a realeza.

Nos séculos IV e III a.C. a China feudal se transforma em reino, levanta-se a Grande Muralha e se constrói a bela capital de Hien-yang. A dinastia Ts'in (221 a.C. a 207 a.C.) foi a mais aguerrida do período.

Vaso com Decoração Pintada, 2500-2000 a.C., Período Neolítico, cerâmica.



No século III a.C. grandes levas de hunos turcos e mongóis invadem a China do Norte, isolando-a das regiões meridionais. O país entra em contato com o império romano através do mundo persa e hindu. Gregos e romanos comerciam com a China usando a rota da seda de Antioquia, através do império parto. Havia mesmo um local chamado Torre de Pedra, onde os comerciantes efetuavam suas negociações. A rota marítima, devido à precariedade das embarcações, era menos usada; havia pequeno comércio de especiarias entre Alexandria e Catigara no Tonquin. O império chinês, em contato com os hindus e citas do Afeganistão e noroeste da Índia, conheceu o budismo através de missionários hindus, citas e partos e conheceu a literatura sânscrita e a arte greco-budista.

A arte chinesa, com todas essas influências, se transforma; surgem bronzes com estilo e decoração novos (tranças, espirais em relevo e finas granulações). Os dois dragões entrelaçados, cujos corpos em forma de serpente formam um elo (P'anki), é característica dessa época, que tomou o nome de "Reinos Guerreiros". Essa arte animalista, segundo vários autores, é influência do sul russo invadido pelos citas (séc. VIII a.C.), influência que chegou à China através da Mongólia. A arte torna-se assim menos simbólica; nos tecidos preciosos, jades e lacas os temas irano-helênicos, siberianos e chineses se misturam e criam um estilo novo. A arte do bronze, com suas ânforas, vasos de forma quadrangular, taças e bacias, também revela forte influência siberiana, que se estenderá pelas grandes estepes até o Turquestão. As peças são eminentemente decorativas, com cenas de caça, arabescos, folhagens dispostas em frisos paralelos, bronzes lavrados em ouro e prata incrustados de esmaltes ou pedras preciosas, decorados com laca ou, muitas vezes, o bronze nu cinzelado sobriamente com sulcos paralelos, mas tudo com tal requinte que nos surpreende e fascina.

Por volta do século III a.C., até a solene vestimenta chinesa é substituída pela bárbara roupa mandchu com sua profusão de ornatos e uso de cintos com exageradas fivelas de bronze. Os palácios também se modificam, enchem-se de espelhos decorados, circulares, com desenhos geométricos e figuras mitológicas. As peças de jade são finas, recortadas e gravadas com silhuetas de animais; nessas peças, ora se busca o arabesco pictórico, ora o sentimento escultural do movimento.

O mais antigo exemplo da estatuária chinesa foi achado sobre o túmulo de um general (117 a.C.) e representa a bela figura de um cavalo derrubando um bárbaro.



Vaso ritual do tipo ho ou yu, séc. XIV-XII a.C., Dinastia Chang, bronze com pátina preta.

Nos primeiros séculos de nossa era há pilastras funerárias, com cenas de caça em baixo relevo, que lembram a discreta harmonia dos baixos relevos gregos. Há ainda figuras humanas ou de animais em terracota, cheias de vida e espontaneidade, pintadas em vermelho, branco ou castanho escuro. Os vasos são revestidos de esmalte de chumbo amarelado, matizado de verde por silicato de cobre; é uma técnica de origem iraniana.

Em Chan-tung acharam-se baixos relevos de câmaras mortuárias representando cortejos de carros, cavalgadas fabulosas gravadas na pedra a traço, ou recortadas em relevo na superfície. Os ornatos em barras paralelas lembram aqueles dos bronzes; os grupos se correspondem, obedecendo a um ritmo de dança, as figuras se sucedem num movimento de vôo ou fuga — a imaginação se solta.

A inspiração do ornato gravado, incrustado ou pintado, é sempre a mesma, viva e leve, seja a peça um espelho, vaso de cerâmica ou bronze. Isso nos leva a afirmar que, se a escultura era medíocre, a pintura alcançara um excelente grau de técnica.

Depois da dinastia Han a China se divide em três reinos; entre os séculos IV e VI de nossa era surgem cinco dinastias em Nanquim e no norte chinês, quase todas turco-mongóis.

O naturalismo animalista dos Han, o estilo meio impreciso dos Ts'in originam uma arte violenta, forte, de formas retorcidas, movimentos de lutas convulsivas. Observamos isso nos bronzes (broches, cabos de punhais, fivelas), onde tigres e dragões em luta mostram detalhes minuciosos de suas musculaturas.

Ao sul, no túmulo do imperador Wen'ti, (453) da dinastia Song, há quimeras aladas dotadas de grande força selvagem e expressiva.

No norte a escultura sofre influência dos povos da Ásia Central — vemos estatuetas de terracota representando mulheres esguias, com largos quadris, roupas amplas e altos toucados. As figuras masculinas são representadas por severos guerreiros com trajés turco-mongóis.

A disseminação da arte nessa época é devida ao crescente prestígio budista; os templos se enchem de paredes ornadas com folhas de acanto, aves, festões, Budas e Bodhisattvas, com forte influência da arte greco-búdica de Gandara. Algumas estatuetas têm os olhos semi-cerrados e um sorriso estático que espiritualizam o rosto, o corpo está envolto em roupas ondulantes, vagamente sensuais. O espírito chinês vai aos poucos dominando; as formas se alongam, as faces se afinam, a disposição das pregas das roupas dá à escultura um caráter severo e hierático, que sufoca a sensualidade hindu. Esse período é rico em escultura e pintura religiosas.

A mais antiga pintura conhecida é do século IV e está no Museu Britânico. É a ilustração de um poema feita sobre um rolo de seda, com nove cenas entremeadas de texto; o desenho exato e delicado, os tons discretos (alaranjados, vermelhos e cinzentos) fazem dessa peça algo elegante, refinado e sóbrio.

A dinastia Sui no século VI consegue unificar a China, dominando os anamitas em Tonquin e conquistando Gobi e a Coréia. No século seguinte a dinastia Tang conquista a Mongólia dos turcos, invade o Turquestão e anexa à China o Tibete, através do casamento de um príncipe chinês com uma princesa tibetana.

Neste mesmo século o maniqueísmo é adotado pelos turcos e introduzido na China. O nestorianismo, heresia cristã comum na Pérsia, cujos ritos

eram realizados em língua siríaca, chega até a China mais ou menos nessa época.

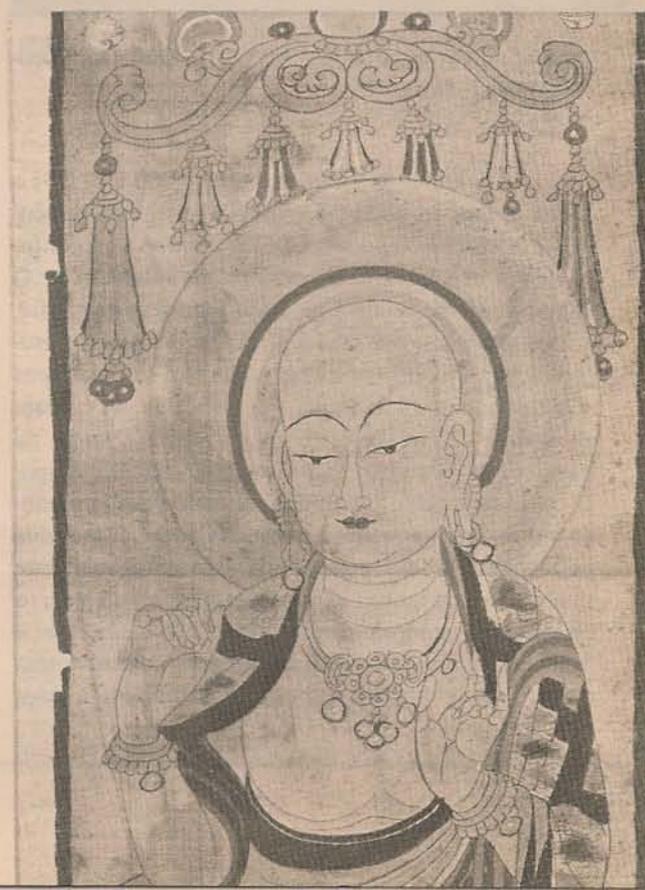
No século VI Sie Ho cria uma teoria da pintura influenciada pelo taoísmo. Na "Gruta dos Mil Budas" foram descobertos afrescos e pinturas em seda, cânhamo e papel, todos do século VI a X de nossa era.

Durante a dinastia Tang (618 a 907) a China domina a Mongólia, Pamir e Turquestão russo; são iniciadas trocas comerciais e culturais com a Ásia Central, através de rotas terrestres e marítimas, e com o mundo hindu. Vemos então que a influência iraniana se faz sentir no Afeganistão, Kachgaria e nordeste de Gobi. As grandes composições místicas dos paraísos búdicos têm muito da sensibilidade chinesa, principalmente nos cortejos de doadores.

A pintura de retrato se desenvolve nesta dinastia (século VII) e a seita Tch'an influi para que a paisagem comece a ter importância na pintura. No norte temos Li-seu-hium (650-716), precioso miniaturista e, no sul, Wang-wei (699-760), criador do monocromo chinês e pintor delicado e místico.

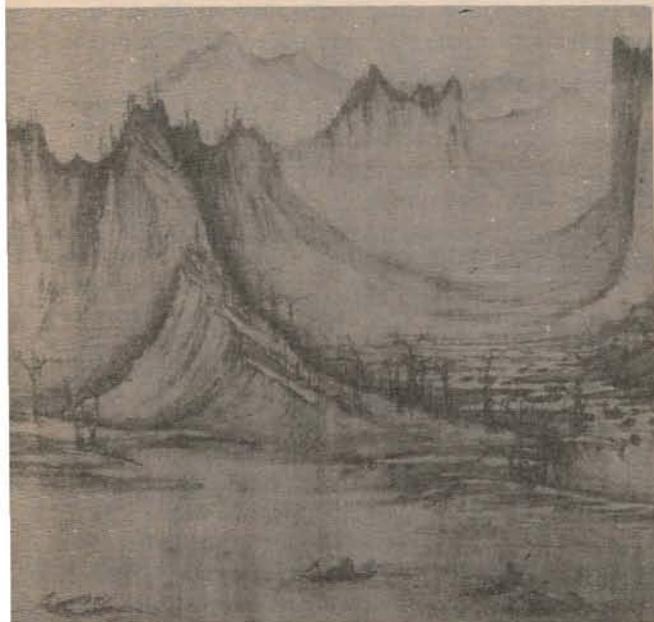
A escultura entre os séculos VI e VIII expressa plenitude de vida; a expressão plástica da forma humana domina a busca da linha abstrata. As qualidades da arte plástica na dinastia Tang são: harmonia de proporções, exatidão e força de movimento seja em pedra, bronze ou terracota. No fim da dinastia (século X) o movimento se torna exagerado e as formas pesadas e deselegantes.

Bodhisattva Ksitigarbha, séc. VIII-IX, Dinastia Tang, pintura em seda.



A arte decorativa atendia às exigências de luxo da época: facas preciosas, jóias de ouro, taças de prata cinzelada, espelhos enfeitados com animais, aves, flores e frutos; as paisagens têm o relevo acentuado. Nessa época a cerâmica se aperfeiçoa, os tons de esmalte (verdes, amarelos, púrpuras e azuis) produzem efeitos originais; os esmaltes manchados ou marromizados têm longos veios verdes ou amarelos.

A arte Tang acolheu as influências estrangeiras, mas as assimilou com senso de movimento, vida e força decorativa insuperáveis.



Pescaria no riacho da montanha, (det.), 1000 d.C., Dinastia Sung, pintura em seda.

Durante a dinastia Song (960 a 1.279) a China parece ter absorvido completamente as influências externas; é a época do Tchan místico e do confucionismo oficial, dos letrados e dos intelectuais. O ensino acadêmico influi para unir pintura e caligrafia; a impessoalidade vai se amenizar, porém, com o profundo sentido de natureza; a pintura de paisagens substitui a pintura de temas. Poetas e pintores evocam a unidade do universo no qual formas e vozes da natureza se escondem e se revelam ao mesmo tempo. O colorido preciso é abandonado pela pintura monocromática em nanquim; a profundidade é conseguida pela graduação dos valores e o jogo da névoa sobre riachos e montanhas. Traços sintéticos resumem o essencial da paisagem, o pintor não busca descrever a natureza, mas sugerir a fluída passagem de uma forma a outra. Dizia um pintor da época: "Imobilize a garça e ela será neve".

A arte do retrato se desenvolve e glorifica principalmente os sacerdotes; a perfeição do desenho, o dom de observação emprestam a esses rostos de patriarcas e bonzos uma intensidade de vida e verdade magníficas. O tema hindu dos 16 Arhats (seres divinos), chamados Lohã na China, se popularizou, principalmente nos séculos IX e X. A escultura da época não é muito original; apenas estátuas de madeira policromada ou em laca seca, sem vida ou espontaneidade. A cerâmica torna-se arte maior com formas simples, puras, delicadas, de tons sóbrios refletindo o refinamento de uma civilização altamente espiritualizada. O barro vitrificado é cozido em alta temperatura, a beleza do esmalte opalescente ou monocromático dispensa ornatos. Em Honan o esmalte é espesso rosa púrpura, azul-alfazema ou arroxeadado com fundo sempre cinza. Tanto em Tche-li como em King-to-tchen o fundo é branco e em Kien-yang as belas taças de chá são de grés escuro e o esmalte é espesso brilhante, negro ou marrom, pontilhado de ouro ou prata. Em Honan, muitas vezes, a argila cinza-avermelhada é recoberta de verniz transparente sobre camada branca. As peças mais célebres dessa época são *celadons*, porcelanas leves e verdes, revestidas de nove camadas de esmalte verde, cinza azulado, originárias de Tche-kiang.

Sedas e brocados de ouro e prata, lacas vermelhas ou pretas, bibelôs de jade, jóias de ouro finamente trabalhado são típicos da dinastia Song.

A dinastia Yuã (1279-1368), de origem mongol, se caracteriza pela suntuosidade decorativa, com suas lacas esculpidas de flores e pássaros ou enriquecidas com belas paisagens.

Na arte cerâmica surgem técnicas persas e na pintura há tendências arcaicas com a volta ao desenho exato e às cores vivas dos séculos VII e X e preferências pelos assuntos históricos e cenas de guerra. Tchao-meng-fu é conhecido pintor animalista da época e sua especialidade são os belos e fogosos cavalos.

O islamismo só atingirá a China no século VIII, através de mercadores persas e árabes; nos séculos seguintes começa o lento desmoronar do império chinês.

A Mongólia e o deserto de Gobi são invadidos pelos turcos; em Tula e Kansu se estabelecem os turcos queraftas, cujo imperador é muitas vezes confundido, no século XII, com o Prestes João, mítico rei cristão do Oriente, celebrado nas narrações dos romances de cavalaria. Os turcos nestorianos e os iugures, bem mais civilizados, praticavam o budismo.

Gengis-khan ou Tchén-guis-khan, isto é, imperador universal, no século XIII, com seu gênio bélico, submete turcos e mongóis e elege Caracórum, no centro da Mongólia, como capital de seu império.

Apodera-se de Pequim, Coréia, Iraque, Cáucaso e Rússia meridional, unificando as nações turco-mongóis da Ásia central. Impiedoso como soldado, era tolerante religiosamente; sendo xamanista não perseguia os seguidores do budismo, do taoísmo ou nestorianismo nas regiões dominadas. Depois de sua morte, os mongóis conquistam a China do norte, Coréia, Pérsia, Geórgia, Cilícia, Rússia, permanecendo dois séculos em Moscou e Kiev. Em suas incursões guerreiras eles invadem a Polônia, queimam Cracóvia, conquistam a Hungria.

Kublai Khan, em fins do século XIII, conquista a China e se proclama imperador, fundando uma dinastia mongólica, a de Yuã. Esse imperador conquistará a Coréia, Indochina, Anam, Birmânia e atacará sem êxito Java e o Japão. Assimilará a civilização chinesa, tornando-se notável administrador, construindo estradas e canais, cuidando da assistência pública, incentivando a exploração de minas de carvão, apoiando o comércio de sedas e de especiarias. O veneziano Marco Polo, com seu pai e tio, visitam a China. Marco contará suas aventuras e desventuras em um livro que se tornou muito popular na Idade Média.

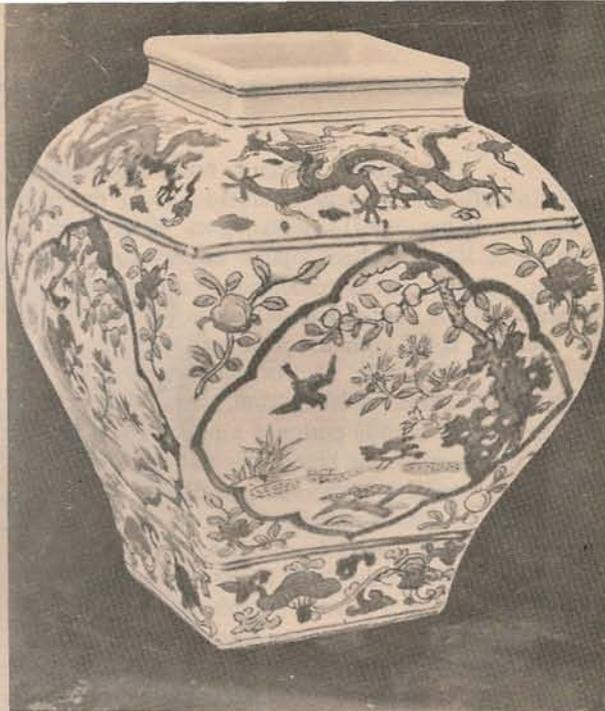
No século XIV os chineses se rebelam contra os mongóis e fundam a dinastia Ming, que sofrerá contínuos ataques de piratas japoneses em seu litoral. Esta dinastia expulsará os mongóis de Pequim e por três séculos isolará a China, repelirá o budismo, adotando o confucionismo.

A pintura torna-se acadêmica, fria, com raras obras encantadoras povoadas de flores, aves e bambus esguios. Houve tentativa de se imitar os pintores da época Tang; o retrato é tratado sob forma anedótica, sem a expressividade daqueles da dinastia Song, mas com grandeza e sobriedade.

A arquitetura se desenvolve, surgem fortificações, palácios e templos com belas portas e altares. Os terraços em forma de arquibancadas, os tetos de madeira, recurvos, poucas escadas e muitas rampas. Nas arestas dos tetos, revestidos de telhas esmaltadas (amarelas, verdes ou azul-escuro), há figuras barrocas majestosas. As portas, janelas e colunas de madeira laqueada, pintadas em cores berrantes e cobertas de esculturas. No norte, os pagodes de madeira, tijolo, pedra ou ferro enfeitam a paisagem.

Na China dos Ming houve proliferação de móveis, biombos de laca vermelha ou preta, enfeitados de nácar e ouro.

O centro cerâmico era King-to-tchen, mas Tohua ficou famosa por seus "brancos de China". Os produtos cerâmicos mais comuns da época eram os monocromáticos (verde mar, brancos, verdes, amarelos, arroxeados), cozidos em fogo alto e ornados com desenhos gravados na massa. As peças vidradas de diversas cores, decoradas com motivos gravados, cloasonados ou esculpidos, os esmaltes arroxeados, verdes, turquesas e amarelos, cozidos em fogo brando e as cerâmicas decoradas em azul e branco sob esmalte



Vaso Quadrangular, séc. XVI, Dinastia Ming, porcelana.

existem também na dinastia Ming, embora em número mais reduzido que as monocromáticas.

A porcelana pintada e as cerâmicas policromáticas (verdes, amarelas e violetas) sob esmalte e cozidas em fogo alto são peças da época Ming que se caracterizam pela delicadeza e elegância dos tons e feitios.

No século XVI os portugueses conquistam Macau e, com as caravelas, volta o cristianismo que fora banido com a queda dos mongóis; os chineses sempre foram mais intolerantes em matéria religiosa. Os primeiros missionários cristãos na China são os jesuítas; dentre eles se destaca o Padre Martin Ricci que viveu muitos anos em Pequim, tornando-se profundo conhecedor da civilização chinesa. Os mandchus no século XVII tomam Pequim e fundam a dinastia T'sing e conquistam a Mongólia e o Tibete e, ainda, o Nepal. As mais belas porcelanas da dinastia T'sing (1644-1912) são de K'ang Hi: muito delicadas de formas elegantes, esmalte puro cheio de brilho, com desenhos sutilmente contornados. Os temas lembram as porcelanas da dinastia Ming — são lendários ou romanescos, com forte influência taoísta. O vermelho é a cor dominante para as peças monocromáticas, havendo outras azuis, verdes, amarelas e negras, porém menos comuns.

As peças de decoração apresentam processos de pintura novos e tons incomuns. A família verde é decorada em sete tons de esmalte (verde escuro, claro, vermelho ferro, arroxeadado, amarelo, negro e azul), mas os esmaltes de fogo forte (vermelho de cobre, azul, verde pálido, amarelo, marrom, oliva) têm um brilho incomparável.

Outras porcelanas são decoradas sobre *biscuit* (porcelana não vidrada) e três cores (amarelo, verde e violeta) e a união do verde e do marrom possibilita a obtenção de fundos negros de belo efeito decorativo.

No século XVIII a busca da elegância muito refinada anuncia o afetado gosto da época seguinte (Kien Song). Nessa época os artífices de louça de King-to-tchen copiam as cerâmicas Song e Ming, criando novas tonalidades (amarelos e azuis flambados). A "família verde" cai em desuso e surge a "família rosa" com todos os matizes derivados do vermelho e do ouro. Outros tons são obtidos pela mistura de azuis, violeta, coral, carmim, amarelo e verde. A essa família pertence a porcelana "casca de ovo", finíssima massa branca decorada em Cantão. A habilidade técnica exagerada provoca a decadência do gosto, os oleiros imitam o jade, o bronze, o nácar; o desenho se faz duro e os esmaltes, pálidos.

No século XVIII há intenso relacionamento da China com a Europa através da Companhia das Índias e dos jesuítas; surgem porcelanas com motivos nitidamente ocidentais.

O jesuíta Padre Mateus Ricci cria escola em Pequim para ensinar aos artistas chineses leis de perspectiva e relevo. Nos séculos XVIII e XIX se desenvolve a estampa, devido à intenção decorativa da arte, além de se tornarem comuns os bibelôs de cristal lapidado e jade, os esmaltes vermelhos cloasonados, as lacas de Pequim, as célebres lacas de Coramandel, feitas na China e exportadas para a Índia, os tapetes com desenhos geométricos e flores azuis, amarelos, rosas ou vermelho alaranjados. Todo esse esplendor embelezará os palácios e mansões dos nobres europeus, dando às grandes construções clássicas uma atmosfera de refinamento e luxo sóbrios, que só a arte chinesa possui. Em contato com as civilizações mongol, persa e turca, a China aprendeu muito, porém o forte espírito chinês assimilou tudo com sabedoria e criou uma incomparável arte: elegante, delicada e refinadíssima.

A língua chinesa reflete bem a sobriedade de seu povo; ela é monossilábica, com palavras invariáveis que levam à abstração e às concepções absolutas. Não possui gênero, número, declinações, conjugações ou distinções entre substantivo, adjetivo ou verbo. Tudo é indicado pela estrutura da frase, sem fazer parte do vocábulo. É língua que comporta muitos tons para uma mesma sílaba. A poesia é rimada e com metros de quatro, cinco ou sete pés; os poemas são em geral extremamente curtos e sintéticos. A língua chinesa tem uma infinidade de dialetos sendo o cantonês e o mandarim, falado em Pequim, os mais populares.

Antes de 1911 (Revolução) a literatura chinesa era escrita na velha e concisa linguagem literária (Wen yen) que, gradualmente, se afastou do falar cotidiano. Este, em 1920, substituiu o literário, que é usado somente nos documentos oficiais, jornais e correspondência comercial; pouco a pouco, a velha língua clássica foi relegada ao esquecimento. Em 1956 se criou um alfabeto mais ocidental para a China, com 30 letras, sendo 25 latinas.

No século XIX a China começa a ser tomada pelos europeus; ingleses submetem Changai e Cantão, e Hong-Kong lhes é cedida pelos chineses; os franceses tomam Tonquin.

Os japoneses ocupam a Coréia e Porto Artur e forçam a China a lhes ceder Formosa. Russos, alemães e franceses atacam o Japão, devolvem Porto Artur à China, que a arrenda à Rússia.

A Mandchúria é conquistada pelos russos; em finais do século há a revolta dos Boxers, mas alemães tomam Pequim, a corte chinesa foge e os russos conquistam a Coréia.

Em 1904 os japoneses, apoiados pelos ingleses, atacam a Rússia, conquistam Porto Artur e sul das Sacalinas.

O movimento chamado modernista, em 1908, incentiva um levante contra a dinastia reinante; os rebeldes, chefiados pelo médico Sun Yat Sen, tomam Changai, Cantão e Nanquim e proclamam a república. É reconhecido como presidente o astuto vice-rei Ian-che-kai que, alguns anos mais tarde, se proclamará imperador, mas, não resistindo à pressão militar e japonesa, se suicida. A China mergulha na anarquia. No Sul, radicais cantoneses, chefiados por Chiang-kai-chek, apoiados pelos soviéticos tomam Changai e Nanquim; mais tarde eles romperão com os russos e se aliarão à Inglaterra e Japão.

Em 1928 Chiang-kai-chek ocupa Pequim e se faz presidente, tornando Nanquim capital da China. Os militares e japoneses perturbam a nova república; o Japão conquista a Mandchúria. Chiang-kai-chek conquista outra vez Pequim, vence os comunistas e funda os movimentos "vida nova" e "mobilização espiritual". Os japoneses atacam novamente e tomam Changai, Nanquim, a parte oriental da China e Cantão. Em 1939, apoiados pela Alemanha, atacam os japoneses, Hong-Kong, Singapura, Indochina e Insulinda.

No final da segunda guerra mundial, a China consegue se libertar do domínio estrangeiro. Nessa ocasião, surge um líder comunista, Mao-Tse-Tung que, tomando o poder, obriga os nacionalistas de Chiang-kai-chek a se retirarem para Ilha Formosa.

A velha China dos mandarins, das porcelanas, dos jades, das cerâmicas refinadas e das lacas preciosas agonizava lentamente; envolvia-se na bruma da História, agasalhava-se no manto da saudade e do passado.

TERESA DE BARROS VELLOSO

BIBLIOGRAFIA

- 1- *Encyclopédie Larousse Méthodique*, Larousse, Paris, tomo VIII, 1960.
- 2- Fliade, Mircea, *Histoire des Croyances et des Idées Religieuses*, Payot Paris, tomo II, vol. 1, 1976.

Também a Velhice é Vida

*Olhos adejam no porto . . .
Serenos, procuram algo entre o passado.
Diante dos limites, vêem que a vida é porcelana.
Frágil ao ímpeto. Rara e bela.
Saboreiam o chá do recolhimento.
Porcelana e sede de infinito não combinam.¹*

Filosoficamente, pergunta-se se a velhice é somente o término da vida ou se tem um sentido próprio; talvez mesmo um sentido muito bom e profundo; por isso seria muito importante entendê-lo e esforçar-se por realizá-lo.

Como é natural, dessa idade nobre pode falar quem a conheça e só pode conhecê-la aquela que nela está. De outro modo, falará pelo espírito de pessoa mais jovem. Não é fácil, portanto, falar da velhice de um modo fidedigno. Supõe-se que se há de estar na própria experiência.

Reflitamos então nos testemunhos dos mestres da Filosofia, e também na palavra dos pesquisadores autênticos das idades de nossa vida, como Guardini e Bernard Lievegoed, cujas idéias transmitiremos aqui. Que essas sementes vivas, geradas no confronto heróico com o fato da existência, possam ao menos evocar algumas das seríssimas perguntas, as propiciadoras e anunciadoras do filosofar. Nesse ato queremos acercar-nos ao que é digno do humano . . . e o resgatar!

Em sua *República*, Platão gravou a voz da sabedoria antiga sobre esta questão, que ecoa há mais de duas dezenas de séculos no diálogo entre Sócrates e Céfalo:

“Logo que me viu, Céfalo saudou-me com estas palavras: — Ó Sócrates, tu também não vens muitas vezes ao Pireu para nos veres. Mas devias fazê-lo porque, se eu ainda tivesse forças para ir facilmente até a cidade, não seria preciso tu vires, mas nós é que iríamos visitar-te. Agora, porém, tu é que deves aparecer mais vezes. Fica a sabê-lo bem: na medida em que vão murchando para mim os prazeres físicos, nessa mesma aumentam o desejo e o prazer da conversa. Não deixes de estar na companhia destes jovens, mas

vem também aqui à nossa casa, como à casa de amigos, e de amigos muito íntimos.

— Com certeza, ó Céfalo — disse eu —, pois é para mim um prazer conversar com pessoas de idade bastante avançada. Efetivamente, parece-me que devemos informar-nos junto deles, como de pessoas que foram à nossa frente num caminho que talvez tenhamos de percorrer, sobre as suas características: se é áspero e difícil, ou fácil e transitável. Teria até gosto em te perguntar qual o teu parecer sobre este assunto — uma vez que chegaste já a esse período da vida a que os poetas chamam estar “no limiar da velhice” — se é uma parte custosa da existência, ou que declarações tens a fazer.

— Por Zeus que te direi, ó Sócrates, qual é o meu ponto de vista. Na verdade, muitas vezes nos juntamos num grupo de pessoas de idades aproximadas, respeitando o velho ditado. Ora, nessas reuniões, a maior parte de nós lamenta-se com saudades dos prazeres da juventude, ou recorda os gozos do amor, da bebida, da comida e outros da mesma espécie, e agasta-se, como quem ficou privado de grandes bens, e vivesse bem então, ao passo que agora não é viver. Alguns lamentam-se ainda pelos insultos que um ancião sofre dos seus parentes, e em cima disto entoam uma litania de quantos males a velhice lhes é causa. A mim afigura-se-me, ó Sócrates, que eles não acusam a verdadeira culpada. Porque, se fosse ela a culpada, também eu havia de experimentar os mesmos sofrimentos devidos à velhice, bem como todos quantos chegaram a esta fase da existência. Ora, eu já encontrei outros anciãos que não sentem dessa maneira, entre outros o poeta Sófocles, com quem deparei quando alguém lhe perguntava: ‘Como passas, ó Sófocles, em questões de amor? Ainda és capaz de te unires a uma mulher?’ ‘Não digas nada, meu amigo!’ — replicou. ‘Sinto-me felicíssimo por lhe ter

escapado, como quem fugiu a um amo delirante e selvagem.' Pareceu-me que ele disse bem nessa altura, e hoje não me parece menos. Pois grande paz e libertação de todos esses sentimentos é a que sobrevém na velhice. Quando as paixões cessam de nos repuxar e nos largam, acontece exatamente o que Sófocles disse: somos libertos de uma hoste de déspotas furiosos. Mas, quer quanto a estes sentimentos, quer quanto aos relativos aos parentes, há uma só e única causa: não a velhice, ó Sócrates, mas o caráter das pessoas. Se elas forem sensatas e bem dispostas, também a velhice é moderadamente penosa; caso contrário, ó Sócrates, quer a velhice, quer a juventude, serão pesadas a quem assim não o for.

Admirado com estas palavras, e querendo que ele continuasse a falar, incitei-o dizendo: — Ó Céfalos, penso que a maior parte das pessoas, ao ouvir-te essas afirmações, não as aceita, mas supõe que suportas bem a velhice, não devido ao teu caráter, mas por possuíres muitos haveres. Pois os ricos têm, diz-se, muitas consolações.

— Dizes a verdade: não as aceitam. E têm alguma razão; porém, não tanta quanta julgam. Está bem certo aquele dito de Temístocles que, como um habitante de Serifo o ofendesse dizendo que a sua celebridade lhe viera, não de si mesmo, mas da sua cidade, Temístocles lhe respondeu que nem ele se tornaria ilustre se nascesse em Serifo, nem aquele, se em Atenas. Adapta-se bem esta mesma história aos que, não sendo ricos, suportam a custo a velhice, porque nem o homem comedido aguentará facilmente a velhice na pobreza, nem o que o não é, ainda que rico, se tornará então cordato.

. . . Porém aquele que não tem consciência de ter cometido qualquer injustiça, esse tem sempre junto de si uma doce esperança, bondosa ama da velhice, como diz Píndaro. São cheias de encanto aquelas suas palavras, ó Sócrates, de que quem tiver passado uma vida justa e santa,

a doce esperança
que lhe acalenta o coração acompanha-o, qual
ama da velhice — a esperança que governa, mais
que tudo,
os espíritos vacilantes dos mortais.”²

Simplesmente haver superado uma determinada cifra de anos ou estar numa certa situação de energia corporal não significa envelhecer. Pois há um envelhecer autêntico e um falso.

Decisivamente, o fundamento de toda a sabedoria dessa idade é que somente envelhece como é devido quem o **aceita interiormente**, e não quem meramente o sofre. Com isto não se suprime o fato de

ter mais anos e de que a energia e a forma física estejam em outras condições. Porém isso não significa a extinção da fonte vital, senão que agora a sábia natureza apresenta-se com uma índole e valor próprios.

Quanto mais profunda seja a compreensão de seu sentido, e com mais pura obediência à verdade, tanto mais autêntico e valioso se faz esse percurso de nossa estrada.

Pois também a velhice é vida. Representa a proximidade à morte, mas trazendo o outro sentido desta em si: o de chegar ao acabamento, porém ao mesmo tempo dar cumprimento a algo, “levar a cabo”. Aí não há aniquilação, senão o valor terminal do viver — algo que nossa época nunca alcançou. Outros tempos e culturas falaram da *ars moriendi*, da arte de morrer, dizendo que há um modo autêntico e um inautêntico de morrer: a mera extinção ou a plenificação, a realização última da forma da existência.

Toda a milenar bagagem de experiência de nossa humanidade, seja do hemisfério norte ou sul da Terra, ocidental ou oriental, já declarou que em nós a vida não se dá num curso uniforme, mas em “idades” diversas, com características e formas próprias, bem diferentes, mas cada qual plena de significado.

A ancianidade é um estágio cujo sentido é determinado pela palavra **sabedoria**. Aquele que envelhece **como é devido** capacita-se a entender o conjunto da vida. Seu olhar mira o passado, pois não está mais sendo arrastado na corrente do fazer, do porvir. Então vê e compreende o que foi “dado” desde o nascimento, como condições corporais, anímicas e espirituais e o resultado do que fez com esse esboço inicial. Segundo a medida da compreensão, boa vontade e seriedade vital, se cumpriu ou se falhou, às vezes até se pôs tudo a perder.

Essa visão clara de toda a trama dos fios de uma manifestação existencial geralmente ocorre somente sob a pressão do fim que se acerca, quando então se começa a olhar atrás. É necessário aí valor e honra para querer ver somente o que é verdadeiro, para que se abra o “olho” e se compreenda o tecido final de todas as circunstâncias, a síntese das conquistas, perdas, ambições, gozos e carências dessa admirável expressão que chamamos **uma vida humana**.

*Olhos adejam no porto . . .
Serenos, procuram algo entre o presente.
Cristais de vivências, sorriem para a juventude.
Transmutam o arco-íris da angústia
E lançam um raio ao Cosmos:
A branca luz da aceitação de si.*¹

Neste estágio modificam-se as importâncias e se fazem evidentes novas escalas de valores.

Todos os fatos, todas as coisas, enfim, perdem sua premência. Permanece vivo o que está ordenando o desenvolvimento dessa vida por detrás de todas as suas transformações, de tal modo que o imortal que há no homem responde ao Deus eterno. É uma antecipação do "Juízo", que significa que as coisas saem do velamento da mentira expondo-se ao poder puro da verdade de Deus, que não engana nem é enganado.

Isto dá à velhice um sentido que não se encontra em nenhuma outra fase da vida, descansando na dignidade da verdade experimentada, na auto-riedade sem a ambição do poder.

Há um perigoso infantilismo vigente, a ser superado, segundo o qual somente a vida jovem tem pleno valor humano. Mas uma consciência de comunidade, em que a velhice não tenha seu sentido próprio e a possibilidade de realizá-lo, está construída em falso. Sofrerá perdas e descomposições, que se farão presentes nos pontos mais diversos. Isso pode evidentemente ter correspondência exata com o fato de que cada vez haja menos pessoas que saibam o que fazer realmente de suas vidas, por falta de consciência de seu sentido.

A idéia que trazemos do envelhecimento expressa-se somente em limitações. Toda a gerontologia será infrutífera se, ao mesmo tempo, o próprio ancião não chega à consciência de si. Conservando-se apenas biologicamente, será um estorvo tanto para ele mesmo como para seu ambiente.

O que entendemos por ancianidade parece então, antes de tudo, apenas uma decadência. A isso contradiz a impressão que nos causa a personalidade de algumas pessoas muito idosas. Têm uma calma que vem de seu interior, uma dignidade que não procede de suas realizações, senão de seu ser. Faz-se presente algo que não se pode designar de outro modo senão com o conceito do eterno. Essa impressão se manifesta no **cumprimento** do que se chama "terminação", que consiste em levar completamente a cabo a tarefa que planteia ao homem a vida como tal, prescindindo de seus logros concretos. Esse fim não desgarrar a vida, senão que penetra nela, fazendo-se ele mesmo "vida".

"É um fato bem conhecido que criatividade numa idade avançada não é impossível. . . . É importante que façamos todo o esforço para ajudar os idosos a terem um entardecer fértil e criativo para suas vidas. Assim como nos referimos a uma cultura familiar para crianças pequenas, assim deveria haver uma cultura doméstica para os idosos. As casas em que vivem deveriam ser centros de cultura, com conferências, noites musicais e cursos criativos, nos quais outras pessoas da localidade deveriam poder participar.

Isso funcionaria nos dois sentidos: as pessoas da localidade teriam um centro no qual coisas interessantes estariam acontecendo e os idosos manteriam seu contato com o mundo. É novamente um fato bem conhecido que pessoas idosas que levam uma vida ativa gozam de melhor saúde que aquelas que vegetam na frente da televisão ou do rádio. Nós sabemos que muitos grandes artistas produzem seu melhor trabalho muito após terem passado seu septuagésimo aniversário. Afirma-se do pintor japonês Hokusai ter declarado que tudo o que fez antes dos setenta e três anos era bastante sem valor, tendo ele somente então embarcado em sua verdadeira carreira artística. Ticiano pintou seus trabalhos mais vigorosos quando tinha quase cem anos. Verdi, Richard Strauss, Shütz, Sibelius e outros continuaram a compor música até próximo dos oitenta anos. A lista dos compositores ativos até bem depois da década dos setenta é muito longa para ser incluída aqui. Em todos os setores, escritores, pintores e músicos foram capazes de continuar trabalhando muito mais do que cientistas e homens de negócios. Assim é pelo que fato de que, com o aumento da idade, o caminho introspectivo progride sempre mais, enquanto a percepção do que ocorre no exterior declina. Eu me choquei com o fato de que nos mais velhos homens de negócios que conheci — pessoas que quiseram continuar a trabalhar por tanto tempo quanto fosse possível — a inteligência e a rotina persistiram muito mais do que a habilidade para **avaliar novas situações externas**. Isto tem levado muitas companhias bem sucedidas à beira da falência ou além.

Se considerarmos as conquistas da humanidade, veremos que a sabedoria da velhice pode revelar-se num mundo atemporal. Aqui se situa o campo atingível para todos os que permanecerem ativos: o sumário da essência da vida e o encontro com um mundo atemporal de valores e significâncias!"³

O trecho vital do ancião não forma nenhuma "estrutura" propriamente dita, senão a ruína de todas elas, que certamente pode ser "adequada" ou "falsa", que pode representar cumprimento, porém também afundamento. Mas há algo fundamental a ser levado em conta para a compreensão humana: que no ser vivo não há disposições, processos e situações que sejam meramente negativos. Cada momento vital tem lados positivos e abre possibilidades positivas. Isso se aplica também à fase senil. De fato, todos conhecem anciãos em que se pensa com agrado porque nelas há uma calma propícia e amistosa. Estão em seu ambiente com naturalidade e muitas dificuldades se resolvem graças à sua experiência, sem alarde. Essas figuras encontram-se também na literatura e nas artes plásticas como manifestações do que é possível ao homem ancião, quando compreende a si mesmo e se

situa como é devido. E são justamente os elementos do descenso vital que o fazem possível. O homem de idade avançada está desobrigado do serviço à vida, que tantas vezes leva à luta por ela. Sua frieza interior, mas não indiferença, lhe faz mais fácil moderar-se: a experiência e a distância da vida lhe ensinam a compreender aos demais e a conceder-lhes seu valor.

Há aqueles que estão em constante oposição à sua sorte; que somente se esforçam por obter, com força ou astúcia, quantas pequenas satisfações possam encontrar; que se converteram em uma praga para eles mesmos e mais ainda para os demais. Porém há também os outros mais sábios, que é uma bênção conhecer. Neles se concretizou uma longa vida. Se há feito o trabalho, se há dado o amor, se há sofrido a dor, porém tudo segue aí, no rosto, na mão, na atitude e falando na voz anciã. Porém, tudo isso conquistado pela aceitação constantemente renovada do que não se pode modificar; pela bondade que sabe que também estão aí os demais e que trata de facilitar-lhes o que pode; pela compreensão de que é melhor perdoar que ter razão, melhor a paciência que a violência e que as profundidades da vida estão no silêncio, não no ruído. É assunto sobretudo da idade madura consolidar este sentido em sua preparação para os últimos anos. Sempre que se sinta a tentação de deixar faltar a disciplina com respeito a si mesmo ou às formas da moral, de explorar a liberdade que lhe dá a velhice, para permitir-se as coisas que antes se lhe houveram repreendido, então deve dizer-se que assim prepara o descuido que estropeará seus últimos anos.

É importante outra coisa: o autêntico acercamento ao final, quando sua proximidade começa a penetrar em nosso sentir. Experimentá-lo representa muito para a atividade filosófica. Com sua aceitação, aparece na vida algo tranqüilo, e em sentido existencial, algo superior. "Quando se perguntou a São Carlos Borromeo que faria se soubesse que haveria de morrer uma hora mais tarde, respondeu: 'Faria especialmente bem o que faço agora'. Assim se expressa essa situação superior. É a superação da angústia, da pressa, com o que resta ainda por viver."⁴

A consciência daquilo que não passa cresce na medida em que se aceita sinceramente a transitoriedade. Quem foge dela, quem a oculta ou a nega, não chega a compreendê-la . . . De modo análogo ocorre com o que pode ser chamado de adelgaçamento da existência. Aí se faz evidente que a vida é algo mais que ela mesma. O finito se torna transparente para o absoluto.

Houve uma deformação na idéia do fenômeno da morte, à qual vão unidas uma angústia sem sentido e uma "ética" de aniquilação, igualmente sem sentido. No velho, a herança da vida inteira e o

extremo da velhice somente alcançarão um sentido positivo na medida em que o homem adquira, nos anos anteriores, uma atitude ante a morte, que não seja a do mero apartar o olhar.

Hoje, já não fica nada dessa significação que outras épocas deram à "boa" e "ditosa" morte. O resultado disso é que na consciência atual a morte não significa acentos positivos de valor. Se vê como um mero cessar que tem lugar em circunstâncias aterradoras. Por isso se expulsa do campo visual; se vem, vem sem preparação. Não existe ligação entre ela e a vida positiva precedente. Parece vir "de fora", e somente se a suporta.

"Em sua idade avançada Goethe descreveu as fases da vida nestes termos: a criança é um realista, o jovem, um idealista, o homem adulto, um cético, o homem idoso, um místico!"⁴ Pois nesta proximidade da velhice à morte, sai à superfície a trama viva da existência. Apresentam-se as questões primitivas: a morte é a dissolução no vazio ou o trânsito ao autêntico? A isto só a religiosidade dá uma resposta.

*Olhos adejam no porto . . .
Serenos, procuram algo entre o futuro.
Recordações, beijos, carinhos . . .*

*Miram o último destino. Único a que se chega.
Admiram o estufar das velas; o casco a recortar
o mar . . .
Brisas de sabedoria enxugam lágrimas miúdas.*

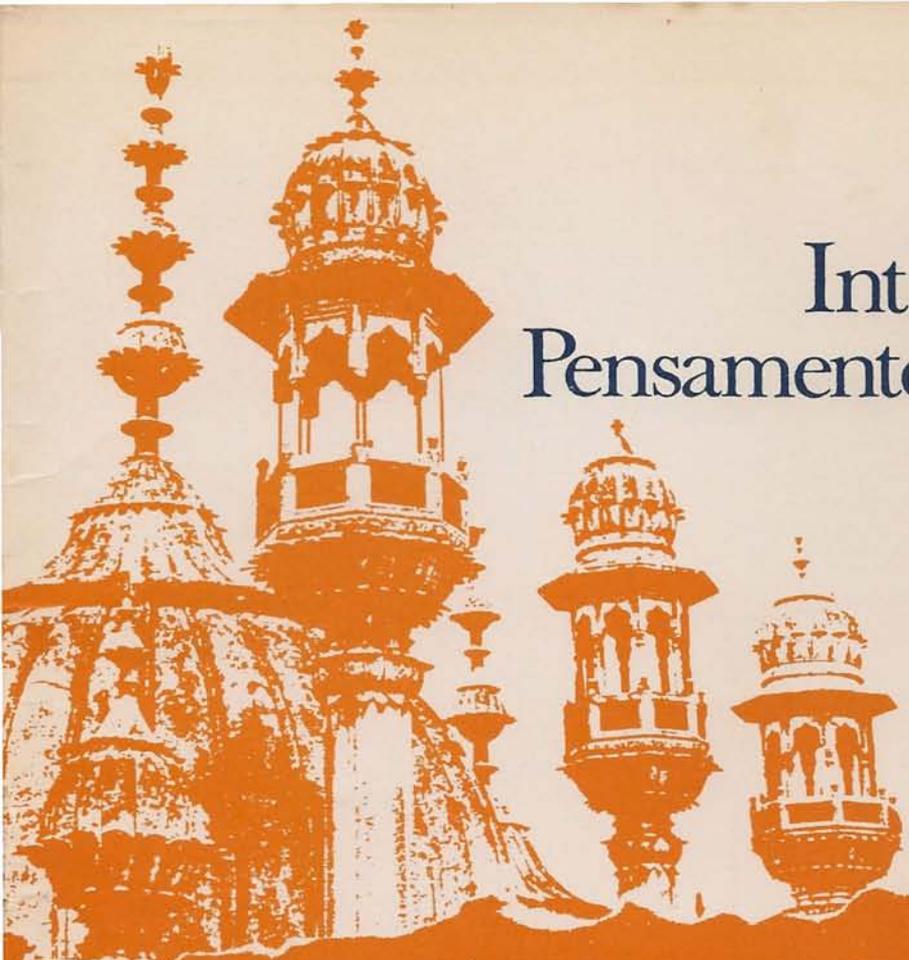
*Olhos se confundem com o Horizonte . . .
Felizes diante da face de Deus!*

*A nave perfura a membrana que os separava
da Noite . . .*¹

LUCIA BENFATTI

NOTAS

- 1- Barcat, George H., poema *Olhos adejam no porto*. . . , maio de 1986.
- 2- Platão, *A República*, Fundação Calouste Gulbenkian, 4ª edição, Porto, 1983.
- 3- Lievegoed, B., *As fases da vida, crises e desenvolvimento da individualidade*, Edit. Antroposófica, 1ª edição, São Paulo, 1986.
- 4- Guardini, R., *Las Edades de La Vida*, Ediciones Cristianidad, Madrid, 1977.



curso de
Introdução ao
Pensamento Filosófico

FILOSOFIA

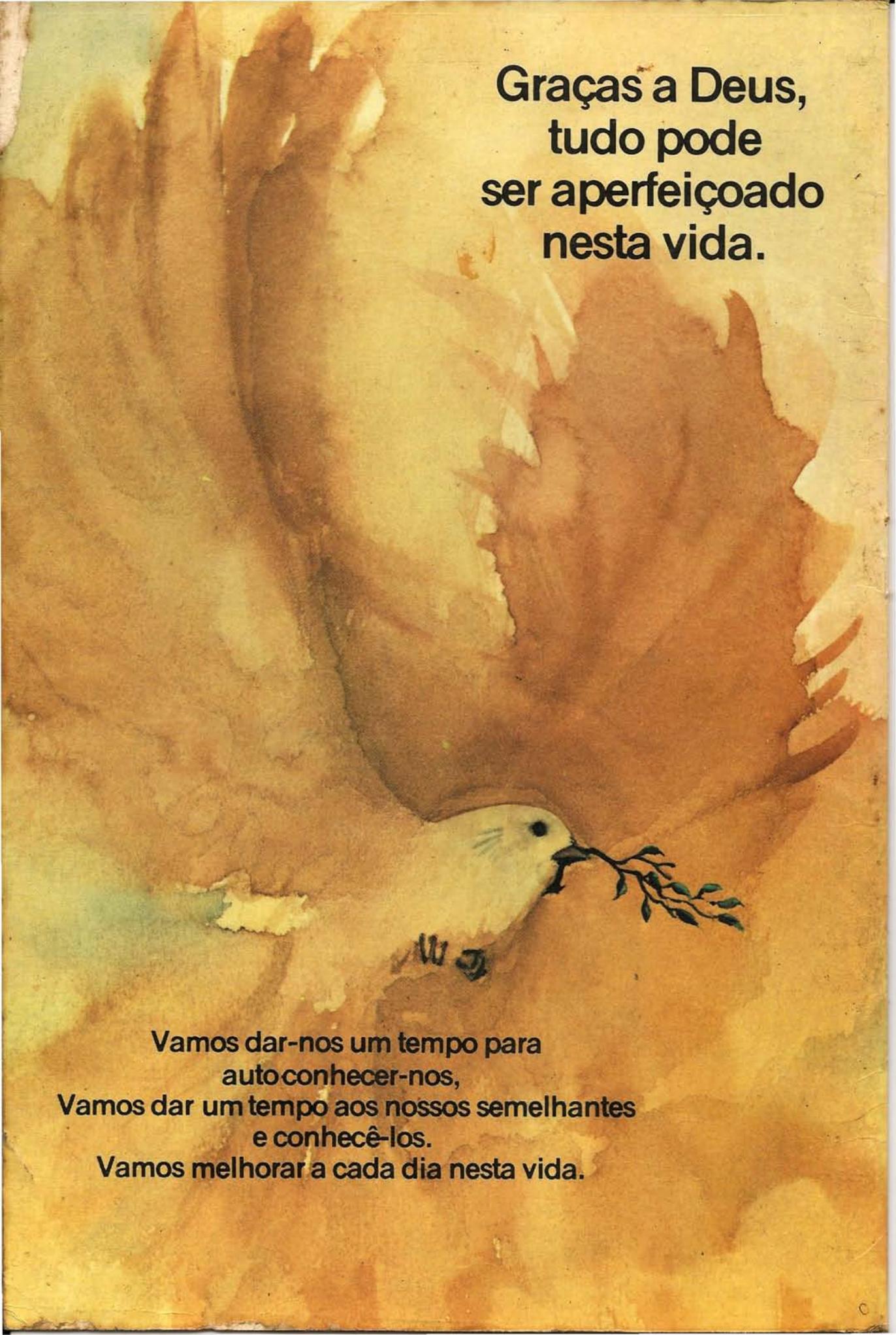
PROGRAMA:

- ÉTICA:
 - Introdução à Ética do Oriente e do Ocidente
 - Bramanismo
 - Budismo
 - Tibetanismo e Lamaismo
 - Origens do Pensamento Filosófico no Ocidente
 - Período Cosmológico, Mítico e Antropológico
 - Aristóteles – Hedone e Eudaimonismo
 - Plotino – O paganismo filosófico
 - Kant – A Razão e o Dever Moral
 - Conclusões
- FILOSOFIA DA HISTÓRIA
 - História: origens filosóficas do termo e definições
 - Significado da realidade histórica
 - Historiografia (da Grécia aos nossos dias): como os homens vêm a sua trajetória histórica
 - Fontes auxiliares
 - Crítica e revisionismo histórico
 - História e Mitologia
 - Interpretações filosóficas da História
 - Arquétipos Históricos
 - A História Futura – Sujeito e Objeto da História

AULAS SEMANAIS – INÍCIO TODOS OS MESES

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

Associação PALAS ATHENA
Rua Leôncio de Carvalho nº99-Paraiso-SP- Fone:288-7356



**Graças a Deus,
tudo pode
ser aperfeiçoado
nesta vida.**

**Vamos dar-nos um tempo para
autoconhecer-nos,
Vamos dar um tempo aos nossos semelhantes
e conhecê-los.
Vamos melhorar a cada dia nesta vida.**